

Beatriz Pinto Teixeira

N.º 28171

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Mafalda Machado no Instituto Universitário da Maia.

FICHA DE CATALOGAÇÃO:

Teixeira, B. (2019). *Relatório de Estágio profissionalizante com vista à obtenção do grau Mestre da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado ao Instituto Universitário da Maia.*

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, ENSINO, ESCOLA, PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.

AGRADECIMENTOS

Na realização do estágio e do presente relatório final, contei com o apoio direto e indireto de várias pessoas e instituições às quais estou profundamente grata.

Primeiramente, um agradecimento especial aos meus pais, por me terem sempre acompanhado em todas as fases da minha vida, por todos os esforços feitos, por me educaram, transmitiram-me valores e acima de tudo, apoiarem-me em todas as minhas decisões, não me deixando desistir e facilitando assim todo o meu percurso.

À minha irmã, pela sua descontração e companhia para a realização deste relatório final de estágio.

A ti, Filipe, pelo teu amor e compreensão ao longo desta caminhada. Agradeço todo o teu apoio incondicional, por me ouvires e ajudares nos momentos mais difíceis, dando-me força e incentivo para continuar, mas acima de tudo, por estares sempre comigo.

À professora Elsa Cabo, por me fazer crescer pessoalmente e profissionalmente. A sua orientação ao longo do ano, o acompanhamento e o seu envolvimento foram essenciais para o meu desenvolvimento progressivo.

À professora Mafalda Machado, pela forma como nos guiou e principalmente pelos conselhos e sugestões e toda a disponibilidade que demonstrou sempre que necessitei.

Ao núcleo de estágio, João e Xavier, obrigada pela equipa que fomos, pelas partilhas, pelas brincadeiras e principalmente, por terem sido uns bons colegas.

À Escola Básica e Secundária do Levante da Maia e ao ISMAI, por todas as aprendizagens e momentos que tive oportunidade de viver.

À direção da EBSLM, por terem aceite a minha presença ao longo do ano letivo e pela disponibilidade que sempre receberam os estudantes estagiários.

Ao grupo de Educação Física, pelo bom ambiente que proporcionaram, pela partilha de ideias e por toda a ajuda sempre que necessário.

A todos os meus alunos, aprendi muito com eles para me tornar uma professora melhor e também espero que tenham aprendido comigo.

A todos os amigos e familiares que de certa forma contribuíram para o meu desenvolvimento ao longo deste caminho. Obrigada pela compreensão nesta fase mais ausente.

A todos, o meu mais sincero e profundo, obrigada!

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE TABELAS	ix
RESUMO.....	xi
ABSTRACT	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xv
INTRODUÇÃO.....	1
2. ENQUADRAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL.....	3
2.1 UMA DECISÃO A PARTIR DE UM PERCURSO	3
2.2 ESPECTATIVAS INICIAIS	6
3. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL.....	9
3.1. A IMPORTÂNCIA DA PES	9
3.2. A PES NO ISMAI	11
3.3. A ESCOLA COOPERANTE: LUGAR DA PRÁTICA.....	12
3.4. CARACTERIZAÇÃO DO NÚCLEO DA PES	18
4.1. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM	21
4.1.1. CONCEÇÃO DE ENSINO	21
4.1.1.1. MODELOS DE ENSINO	21
4.1.2. PLANEMAMENTO.....	23
4.1.3. REALIZAÇÃO.....	28
4.1.3.1. DIMENSÕES DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	28
4.1.4. AVALIAÇÃO	33
5. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	37
5.1. ATIVIDADES REALIZADAS.....	37
5.2. FAZER APRENDER PARA LÁ DA AULA: IMPACTOS DA MINHA EXPERIÊNCIA E ATUAÇÃO	46
5.3. SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL E INSTITUCIONAL	47
5.4. A COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL.....	48
6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL	51

6.1. DIFICULDADES E NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA: UM IMPERATIVO DA PROFISSÃO	51
REFLEXÕES FINAIS.....	53
ANEXOS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Calendarização do grupo de Educação Física.....	25
Figura 2 - Tarefas centrais de cada professor.....	34
Figura 3 - Atividade de Erasmus	55
Figura 4 - Aquecimento do Corta Mato.....	55
Figura 5 - Cartaz do Treino de Férias do DE	56
Figura 6 - Grupo Equipa do DE.....	56
Figura 7 - Cartaz do Seminário.....	57
Figura 8 - Turma do 11ºA.....	57
Figura 9 - Turma do 11ºB.....	58
Figura 10 - Turma do 6ºD.....	58

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Horário letivo 2018/2019	15
Tabela 2 - Análise Swot das Atividades Realizadas.....	45

RESUMO

O presente documento, intitulado de Relatório de Estágio, foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS) e pretende ser um testemunho reflexivo, da Prática de Ensino Supervisionada, apoiado em literatura extensiva à pedagogia e à didática, sobre o desempenho do Estudante Estagiário (EE).

Neste relatório, são descritas as diversas experiências vivenciadas ao longo do Estágio Profissional, realizado na Escola Básica e Secundária do Levante da Maia (EBSLM), durante o ano letivo de 2018/2019. O Prática de Ensino Supervisionada (PES), foi composta por um núcleo de estágio com mais dois elementos, orientados pela Orientadora Cooperante (OC), Elsa Cabo e pela Supervisora Mafalda Machado.

O Estágio Profissional caracteriza-se pela oportunidade de exercer a profissão de docente em contexto real, surgindo como o primeiro momento em que é possível aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo dos cinco anos de formação inicial e todas as capacidades obtidas através de experiências pessoais.

Nesse sentido, este documento encontra-se estruturado e dividido por capítulos, em que num primeiro momento a estudante estagiária faz um enquadramento pessoal e profissional, bem como define as suas expectativas iniciais relativas à PES.

De seguida, será apresentada a instituição onde realizou a PES, onde caracteriza o contexto em que a prática profissional da estagiária se desenvolveu, bem como a comunidade envolvida, respeitando todas as áreas de desempenho, nomeadamente, a organização e gestão do processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, o documento é finalizado com a reflexão crítica de todo o processo da etapa de formação, todas as experiências, obstáculos e sucessos, correspondente ao ano de estágio e perspetivas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, ENSINO, ESCOLA, PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.

ABSTRACT

This document, entitled Internship Report, was developed within the scope of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education and aims to be a reflexive testimony of the Supervised Teaching Practice, supported by extensive literature on pedagogy and didactics and on the performance of the Trainee Student.

In this report, the various experiences that are experienced during the Professional Internship, carried out at the Basic and Secondary School of Levante da Maia (EBSLM), during the school year of 2018/2019 are described. The Supervised Teaching Practice (PES) consisted of a two-element internship center, guided by Cooperative Advisor (OC), Elsa Cabo and Supervisor Mafalda Machado.

The Professional Internship is characterized by the opportunity to practice the teaching profession in a real context, appearing as the first space to apply all the knowledge acquired during the five years of initial training and all the capacities obtained by personal experiences.

In this sense, this document is structured and divided into chapters, in which the trainee first makes a personal and professional setting, as well as defines her initial expectations regarding PES.

Next, the institution where the ESP will be presented will be presented, where it characterizes the context in which the trainee's professional practice has developed, as well as the community involved, respecting all areas of performance, namely the organization and management of the teaching process and learning.

Finally, the document is finished with the critical reflection of the whole process of the training stage, all the experiences, obstacles and successes, corresponding to the year of internship and future perspectives.

KEY WORDS: PHYSICAL EDUCATION, PROFESSIONAL STAGE, EDUCATION, SCHOOL, SUPERVISED EDUCATION PRACTICE

LISTA DE ABREVIATURAS

MEEBS – Mestrado de Ensino nos ensinos Básico e Secundário

EBSLM – Escola Básica e Secundária do Levante da Maia

PES – Prática de Ensino Supervisionada

ISMAI – Instituto Universitário da Maia

EF – Educação Física

EE – Estudante Estagiário

NE – Núcleo de Estágio

OC – Orientadora Cooperante

SV – Supervisora

UD – Unidade Didática

DE – Desporto Escolar

PAA – Plano Anual de Atividades

MID – Modelo de Instrução Direta

MEP – Modelo de Ensino por Pares

NEE – Necessidades Educativas Especiais

DT – Diretor de Turma

INTRODUÇÃO

Este documento retrata toda a PES, inserida no plano curricular do 2º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia.

O estágio decorreu na EBSLM, e todo este processo foi acompanhado pelo Núcleo de Estágio (NE), pela Orientadora Cooperante e pela Supervisora.

A PES tem uma enorme relevância para o processo de crescimento dos EE, pois representa uma oportunidade para que os mesmos aprimorem os conhecimentos teóricos adquiridos, e assim, se constituam enquanto profissionais da área.

Silva & Oliveira (2016), afirmam que o estágio supervisionado possibilita ao estudante universitário vivenciar momentos que se tornarão comuns na vida de um professor. Assim, com este relatório, a EE pretende relatar todo o seu percurso, desde que iniciou, até ao final do ano letivo 2018/2019 e a importância de construir uma identidade profissional.

É certo que a identidade sofre alterações, pois é um processo que se desenvolve durante a nossa vida. Segundo Cardoso, Batista, & Graça (2016), a identidade é um fenómeno complexo que incorpora uma dimensão individual, entendida normalmente como o núcleo da personalidade, e uma dimensão coletiva que remete o conceito de identidade para um nível de análise grupal ou coletivo.

Com isso, durante toda a PES, a EE esteve sempre acompanhada do seu NE, como referido anteriormente, criando assim ligações que ajudaram durante todo o seu percurso. Importante mencionar que todo o apoio conferido pelo restante corpo docente, quer em termos de organização e planeamento de todo o processo, também na forma como nos integraram no meio educativo, foi importante para fazer com que nos sentíssemos bem no meio envolvente. O autor acima referido, acrescenta também que a identidade do professor é o resultado de um processo complexo de construção social que se vai traduzir num modo próprio de sentir-se professor, ao mesmo tempo que dá sentido à sua prática quotidiana.

Desse modo, este documento inicia-se com o enquadramento pessoal e profissional, onde relata resumidamente todo o percurso até então e as razões pela qual integrou na área de

ensino da Educação Física. Está também presente as suas expectativas iniciais, no que diz respeito ao início da PES.

Seguidamente, é apresentado a importância do estágio nos EE, no papel de alunos e professores, do local da prática de ensino, como ambiente mais comum de um professor, e do Núcleo de Estágio, como espaço de socialização pessoal, profissional e institucional.

De referir que o ponto principal deste documento diz respeito à prática profissional, do plano da análise ao da intervenção, onde foi abordado a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, a participação na escola e relação com a comunidade, e por último, o desenvolvimento pessoal e profissional. É neste ponto que é refletido tudo sobre o percurso, bem como os métodos que foram utilizados.

Por fim, é realizada uma reflexão final, com base nas expectativas iniciais, onde se elabora uma retrospectiva dos conteúdos adquiridos ao longo de toda a PES. É efetuado um enquadramento teórico sobre a reflexividade e a importância da mesma no desenvolvimento da competência docente.

Relativamente à formação inicial, etapa da formação e socialização associada ao *perceiving*, considera-se essencial que concorra para a criação de uma identidade pessoal e profissional, que vá ao encontro do que deve ser um professor de EF contemporâneo e atual.

Na Prática de Ensino Supervisionada, reitera-se a importância que a dimensão pessoal assume ao nível intra e interpessoal (Seabra, Silva, & Resende, 2016).

2. ENQUADRAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

O professor é o fator mais importante em todo o sistema educacional. O verdadeiro sucesso ou fracasso de qualquer método, técnica, ajuda, dispositivo ou procedimento depende do professor.

(Reddy, 2017)

2.1 UMA DECISÃO A PARTIR DE UM PERCURSO

Este retrato biográfico é referente à EE, Beatriz Pinto Teixeira, nascida a 12 de agosto de 1995, na localidade de Ariz, Marco de Canaveses. Tem como principal objetivo apresentar o seu percurso e a sua história até ao momento, onde está prestes a finalizar esta etapa importante da sua vida.

Todo o passado e experiências representam uma influência muito forte naquilo que é e no que se torna. O seu passado desportivo teve uma forte preponderância naquilo que a EE é hoje. Foi graças à sua prática desportiva que aprendeu valores e princípios como a perseverança, a disciplina, a necessidade de ser empenhada, o esforço, a dedicação, entre muitos outros. Em casa sempre a instigaram para a prática desportiva e foi bastante acompanhada pelos pais ao longo do seu crescimento normal e do crescimento como atleta.

O seu percurso escolar iniciou-se no ano de 2001, quando integrou na Escola Básica do 1º ciclo de Feira Nova, (Ariz) do 1º ao 3º ano e concluiu essa etapa. O 4º ano foi realizado na Escola Básica da Serrinha (Alpendurada), freguesia onde passou a morar. Para uma criança uma mudança nunca é fácil de ser compreendida, no entanto, sempre se adaptou às situações.

Após estes 4 anos, seguiu-se a passagem do 2º e 3º ciclo realizados na Escola Básica 2,3 de Alpendurada, na qual passou por uma transferência para a antiga turma que vinha a frequentar e acompanhou-a até ao final do 3º ciclo.

O facto de ter existido uma mudança, neste caso, relativo à zona de residência, deu a oportunidade de poder realizar algo que já há muito ansiava, a entrada para o mundo do desporto, mais propriamente, o Karaté. Este desporto sempre esteve presente na vida da EE, pois o seu pai como praticante, fez questão que muitas vezes o acompanhasse e foi

criando aquele “bichinho”, que de acordo com Gomes, Carvalho, & Vargas (2015), na inserção da criança no desporto, o pai aparenta ser a figura mais influente da família. Quando finalmente surgiu a oportunidade, foi possível inscrever-se e ter a vantagem de conseguir facilmente deslocar-se a pé, pois ficava perto da sua residência.

Como refere Ferreira (2015), a iniciativa dos pais de escolherem exercícios físicos ou uma determinada modalidade desportiva para seus filhos possui uma enorme importância, e é através desta iniciativa que as crianças praticam desportos de maneira mais prazerosa. No entanto, a EE sempre teve opção de escolha e nunca lhe foi impingido nada, pode-se dizer que herdou esse gosto.

A carreira no Karaté teve início em 2004, e passado pouco tempo iniciou com as competições, esta está dividida em duas áreas (kata e kumite), ao qual competia pelas duas.

Kata - Representa uma forma pré-organizada de demonstrar métodos de ataque, defesa e contra-ataque.

Kumite - Requer uma programação rápida das respostas de ação adequadas ao processo de defesa e / ou ataque.

(Chaabène et al., 2015)

Após algum tempo, a EE percebeu que queria focar-se apenas no *kumite*, pois era a área que lhe dava mais adrenalina e os treinos iam de encontro à sua personalidade, pois sempre foi muito ativa. Depois de vários anos de treinos e competições, sem conseguir ganhar nada, foi no ano 2009, com 14 anos, que se sagrou pela primeira vez campeã Regional. Após esse título, seguiu-se o de campeã Nacional na sua categoria, chegando mesmo a fazer parte da Seleção Nacional de Karaté.

Todas as horas de treinos tinham de ser divididas com os estudos e, apesar de estar sempre ligada ao desporto, quando foi a altura de escolher o curso de ensino no Secundário, não era claro para a EE a área que deveria escolher, pois também tinha outra paixão que era a representação. A EE optou por escolher um curso profissional de Animação Sociocultural, pois a escola também não oferecia muitos cursos alternativos e com as hipóteses que lhe foram oferecidas, pareceu-lhe o mais adequado. Esse curso teve a duração de 3 anos, iniciando em 2010, com a finalização de um estágio, realizado na “*Magikland*”, um parque de diversões em Penafiel.

Após concluída essa fase, era a altura de decidir o que queria fazer, embora quisesse muito a área da representação, e os seus pais a apoiassem para tal, sempre teve os pés bem assentes na terra e não quis arriscar algo incerto. Com isto, decidiu que iria pela área do desporto, para mais tarde, quem sabe, pudesse vir a ser treinadora de Karaté.

Depois de várias pesquisas, resolveu fazer um curso de 1 ano no ISMAI, na altura chamado de CET. Iniciou em 2013 e logo percebeu que queria continuar, teve então acesso automático para a Licenciatura de Educação Física e Desporto. Depois de ingressar no ensino superior, tornou-se mais complicado gerir os estudos com os treinos, então nesse ano teve de parar com as competições e praticar apenas aos fins de semana, quando regressava a casa. No último ano de Licenciatura, em 2016, tomou a decisão de realizar o que para muitos é considerado uma aventura, e foi fazer Erasmus durante o 1º semestre. Esta decisão baseou-se no pensamento que poderia ser o último ano enquanto estudante e queria ter uma experiência diferente e, diga-se de passagem, das melhores experiências. Quando regressou, no 2º semestre, teve a oportunidade de escolher entre 3 opções, seguir a prática de Ensino, de Treino ou de Saúde. A EE optou por seguir a via de ensino e percebeu que ganhou uma nova paixão, o que a fez inscrever-se no Mestrado de Ensino.

Paralelamente a todo o percurso académico, sempre trabalhou, quer em ginásios, nomeadamente o *Maximus* e mais tarde o *Urban Fit Maia*, como também deu aulas de karaté a alunos do 1º ciclo. Toda esta experiência foi essencial pois permitiu desde cedo estar em contacto com as crianças e adequar-se aos vários tipos de personalidade.

Segundo Albuquerque *et al* (2014), aos professores é exigida a participação no desenvolvimento da personalidade e na formação integral da criança, bem como na promoção da sua inclusão na sociedade atual, preparando-as para o futuro.

Em suma, o sonho de ser professora de Educação Física nunca foi algo que esteve presente na sua vida, no entanto, hoje, é a maior certeza da EE.

Citando Gomes, Carvalho, & Vargas (2015), “O desenvolvimento ótimo das capacidades coordenativas serve como base para uma boa aprendizagem motora em qualquer modalidade desportiva no desempenho eventual de movimentos do dia a dia, além de permitir alcançar níveis mais elevados de domínio de movimentos.”

A paixão desportiva sempre fez parte do seu quotidiano ao qual quer passar esse legado.

2.2 ESPECTATIVAS INICIAIS

O desafio. A aprendizagem. A experiência.

Estes aspetos foram as principais motivações que levaram a EE a embarcar nesta nova fase. Como é normal, em qualquer nova etapa da vida de uma pessoa, sentiu algum receio e ansiedade pelo que poderia vir a acontecer.

Tratava-se da sua primeira experiência com a realidade do que é verdadeiramente ser professora e tudo o que envolve esse cargo. Encarou esta fase como um misto de emoções, uma enorme vontade de aprender e melhorar as suas capacidades tanto profissionais como pessoais.

A formação prática de qualquer professor exige uma indução supervisionada ao exercício da docência, pois não se passa, com facilidade, do saber ao saber fazer, dos conhecimentos ao conhecimento profissional prático e à ação profissional. São necessários processos experienciais longos e apoiados (Formosinho, Machado, & Mesquita, 2015).

Posto isso, um dos fatores cruciais que levaram à escolha do Agrupamento de EBSLM, foi a receção acolhedora que obteve aquando da sua visita à mesma, no âmbito das Atividades e Experiências de Aprendizagem, da Unidade Curricular de Prática Pedagógica II. Foi-lhe dada a oportunidade de conhecer as instalações, o núcleo de estágio, o ambiente escolar e, durante a visita, apercebeu-se que existia uma grande entreajuda entre orientadora e estagiários, e um acompanhamento contínuo mesmo depois das aulas terminarem. A visita em si foi muito agradável e esclarecedora no que se relacionava com a PES.

Com isto, a EE pretendia mesmo ser colocada nessa escola. O facto de os seus colegas João Duarte e Xavier Pereira terem também escolhido esta escola foi uma mais valia pois, são colegas com quem já tinha trabalhado anteriormente, com uma boa relação e amizade e um bom funcionamento de grupo. Embora cada um tenha o seu trabalho individual, é sempre bom trabalhar com pessoas com as quais nos identificamos e partilhamos os mesmos interesses.

As semanas de preparação para o início do ano letivo demonstraram que ser um professor é muito mais do que apenas lecionar as aulas. A responsabilidade de um professor passa

também pela organização de todo o ano letivo, planificações, planeamentos, articulações, entre outros.

Por outro lado, a vantagem de acompanhar todo este processo numa perspetiva interna, é o facto de nos fornecer confiança e sentido de preparação para o nosso futuro.

Um das maiores incógnitas era qual o ano que a EE iria ter a responsabilidade de lecionar. Sentia que se viesse a lecionar alguma turma dos anos mais avançados, como professora estagiária pela primeira vez, seria um pouco difícil manter ordem na aula e impor o seu respeito. Contudo, também tinha a certeza que se tivesse confiança em si mesma, conseguiria superar qualquer obstáculo que pudesse acontecer.

Para a PES, a EE queria poder mostrar tudo o que adquiriu no primeiro ano de mestrado, aplicar as metodologias mais adequadas para cada turma e, essencialmente, aprender com o erro que pudesse vir a cometer.

O seu principal pensamento era terminar este ano e este estágio, mais preparada do que quando o iniciou, mais motivada para os próximos desafios, mas acima de tudo, sentir que fez chegar aos alunos a mensagem que a Educação Física é muito mais do que saber fazer.

A prática de Educação Física fornece possibilidades de desenvolver capacidades importantes além das físico-motoras, como por exemplo, a consciência coletiva e o convívio em grupo.

Evans (2017), refere ainda que trabalhar pela igualdade de oportunidades na Educação Física envolve a compreensão de capacidades e incapacidades, à diversidade étnica, social e cultural, e às formas como estas se relacionam para as crianças através da EF.

O seu papel enquanto professora é deixar a sua marca pessoal, mostrar que a Educação Física deve ser dirigida de forma a dar oportunidade aos estudantes de estar em contacto com o maior número de manifestações culturais do movimento, além de construir conhecimentos sobre um estilo de vida fisicamente ativo, estimulando e reeducando os jovens para uma vida ativa.

3. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

“Ensinando, se aprende a ensinar”.

(Garcia, 2010)

3.1. A IMPORTÂNCIA DA PES

A Prática de Ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar, e o agir daquela comunidade específica.

(Batista & Queirós, 2015)

A construção da identidade profissional inicia-se logo no início da formação, mas vai-se moldando ao longo de toda a prática.

Segundo Garcia (2010), a identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do “si mesmo” profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos, que inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, valores, conhecimento sobre a matéria que ensinam assim como sobre o ensino, experiências passadas e a vulnerabilidade profissional.

A PES é a chave para todo este processo na formação de professores. É a fase onde os EE põem em prática todos os conhecimentos adquiridos e são postos à prova como verdadeiros mestres.

Nestes anos de ensino superior, ensinaram-nos e fomos aprendendo muitas matérias, muitas teorias, muitas ideologias, mas foi nesta etapa que a EE considera ter dado o “grande salto” na preparação para ser professora, porque até então, julgava-se minimamente preparada, mas na verdade não estava. Faltava a experiência no terreno, experiência essa que só a prática possibilita.

Isabel & Martins (2011), afirma que uma matriz de crenças e pressupostos acerca da natureza e propósitos da escola, do ensino, dos professores e da sua formação, dão características específicas à formação de professores.

É por isso que consideramos que é no contexto real que se aprende uma profissão.

Nesse sentido, o estágio supervisionado permitiu-nos, através de análises e reflexões, ter uma melhor percepção do nosso trabalho e do que podíamos melhorar enquanto EE. Deu-nos também a oportunidade de perceber o que é ser um professor, enfrentando a verdadeira realidade e adaptarmo-nos às várias situações.

Ashworth (2008), afirma que o conceito de capacidade, de mobilidade é sobre a capacidade de um professor deslocar-se confortavelmente de um estilo de ensino para outro, de modo a corresponder aos objetivos de mudança dos alunos. Ou seja, devemos procurar aprender e praticar todos os estilos para alcançar os melhores resultados para os alunos e enquanto professores.

Todo este processo, não era exequível sem o apoio e o acompanhamento de um OC. Segundo Lima, Maria, Fortes, & Resende (2015), o OC é o elemento mais importante para o desenvolvimento de competências do futuro professor de Educação Física, visto ter um maior acompanhamento do EE e assim conseguir orientar o mesmo para uma prática pedagógica reflexiva e estruturada para que se cumpram os programas estabelecidos por lei e os alunos atinjam os objetivos propostos nesses mesmos programas.

Através das práticas reflexivas que tivemos durante toda a PES, tanto com a nossa OC, como com o NE, estas foram essenciais para a melhoria do desempenho de cada aula. Para Liakopoulou (2012), a reflexão é uma condição básica para compreender a complexidade do processo pedagógico, para selecionar os métodos, estratégias e meios mais adequados, dependendo dos objetivos do ensino, das necessidades dos alunos, das percepções pessoais e do contexto.

Todo o estágio inclui isso mesmo, muitas reflexões para melhorias, momentos de partilha e troca de ideias, observações e muita investigação para fazer sempre mais e melhor.

Com tudo aquilo que presenciamos ao longo deste ano, a supervisão a que fomos sujeitos ajudou-nos a construir e a pensar no trajeto que pretendemos seguir, na medida em que todos os conselhos, críticas e observações foram no sentido de nos encaminhar a ser melhores profissionais.

Durante todo este ano letivo, a EE teve a oportunidade de sentir o que é ser verdadeiramente uma professora, o prazer de passar por inúmeras experiências novas e o privilégio de ensinar. Através desta etapa, percebeu que ser professora vai muito para além de ensinar uma modalidade, é também conceder o gosto pela prática aos alunos.

Cunha (2010), refere que o “bom” professor deve ser capaz de desenvolver e de promover nos alunos a aptidão para ser tudo o que se pode ser. Logo, o valor atribuído aos docentes não deve ser tanto ao seu saber, embora também seja importante, mas sobretudo às relações interpessoais que estabelece e que são fonte de desenvolvimento.

Posto isto, todo este processo foi a base essencial para adquirir conhecimento e experiência, pela autonomia que nos foi dada, pela confiança que nos depositaram, e, acima de tudo, por nos terem deixado viver este sonho, que é sermos professores.

3.2. A PES NO ISMAI

Um dos principais problemas na formação de professores é a separação de mundos, sobretudo entre as universidades e as escolas. (Nóvoa & Vieira, 2017)

O facto de durante o percurso académico só lecionarmos as aulas aos nossos colegas de curso, limita o que na realidade é a prática de ensino, pois as crianças não têm o mesmo comportamento e as competências que os nossos colegas.

Lima et al., (2014) afirma que, atualmente, existe uma desconexão entre a teoria e a prática em algumas disciplinas de formação de professores de EF. Tal facto, promoveu reflexões sobre a falta de articulação das disciplinas, no que diz respeito ao “ensinar a ensinar”, que, por sua vez também se vinculam às questões da relação entre a teoria e a prática durante a formação académica.

Apesar de durante todo o nosso percurso académico termos uma boa base na teoria, faltou-nos mais prática em contexto real. No ISMAI temos todos os materiais que pretendemos à nossa disposição, assim como um espaço adequado para tantos alunos, mas quando chegamos às escolas essa não é a realidade. Nesse sentido, nunca estamos verdadeiramente preparados para a PES.

Bento (2015), refere que, formar não é condicionar ou formatar, é reavivar, melhorar, consolidar, aumentar e transmitir a herança recebida.

O Estágio Curricular Supervisionado, de acordo com Pimenta (2015), contribui para a desconstrução de mitos e preconceitos, ao possibilitar que os estudantes tenham o seu olhar instrumentalizado com teorias que lhes permitam uma análise crítica fundamentada das situações do ensino em seus contextos.

3.3. A ESCOLA COOPERANTE: LUGAR DA PRÁTICA

A EBSLM foi a selecionada para a realização da prática de ensino supervisionada. Fazendo uma retrospeção, a EE não podia estar mais satisfeita com a escolha.

Segundo Silva & Batista (2016), a aprendizagem e o desenvolvimento profissional estão dependentes do contexto, nos seus diversos níveis e domínios. Consideram que o local de trabalho, com a sua cultura, expectativas e dinâmicas, é fundamental para a aprendizagem profissional contínua.

Mais do que o lugar da prática, a escola teve um papel fundamental para a formação da EE, mais essencialmente quem a acompanhou durante todo este processo. O apoio, as críticas construtivas e os ensinamentos da OC, Professora Mestre Elsa Cabo, foram fundamentais para a conclusão desta etapa.

Clarke, Triggs, & Nielsen (2014), consideram que os professores que cooperam, são dos colaboradores mais importantes para o programa de preparação de professores. Portanto, as maneiras pelas quais os professores cooperantes participam da formação de professores são significativas.

Nesse sentido, a cooperação da participação do OC na formação de professores estagiários é importante no sentido que estimulam a sermos melhores profissionais.

Meio envolvente

A EBSLM, localiza-se na atual freguesia de Nogueira e Silva Escura, na zona oriental do concelho da Maia, possuindo 7980 habitantes e 9,66 km² de área.

Foi constituída em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, pela agregação das antigas freguesias de Nogueira e de Silva Escura.

O nome desta freguesia deriva de “Nugária”, árvore de nozes. Localiza-se na parte central do concelho da Maia, tendo como extensão cerca de 368 hectares. Tem como freguesias vizinhas Silva Escura, Milheirós, Vermoim, S. Pedro de Fins e Águas Santas.

A freguesia de Nogueira dispõe de várias estruturas que caracterizam o modo de vida atual, tais como os transportes públicos, correios, instituições bancárias, bombeiros, centros de saúde, abastecimento de água e luz, recolha de lixos e saneamento.

A educação também é um fator chave para esta freguesia, pois dispõe de um agrupamento de escolas, nomeadamente Agrupamento de EBSLM, constituído pelas seguintes instituições: Jardim de Infância do Barroso, Centro Escolar de Folgosa, EB de Arcos, EB de Frejufe, EB de Monte de Calvário, EB de Monte de Cruzes, EB de Santa Cristina e por fim, EBS Levante da Maia.

Caracterização da Escola

A escola foi construída em 1992 através da concretização de um protocolo entre a Câmara Municipal da Maia e o Ministério da Educação.

A inauguração da mesma foi realizada no dia 17 de abril de 1993 pelo antigo Ministro da Educação, Engenheiro Couto dos Santos. Sendo o edifício apenas constituído por um bloco inteiro em que existe uma zona central e duas laterais, todo o edifício tem dois pisos. Esta escola constitui a sede do Agrupamento Vertical de Escolas do Levante da Maia.

A escola tem bastantes espaços ao ar livre, tanto dentro da sua área como no exterior da mesma, possibilitando aos alunos a prática da atividade física em contacto com a natureza.

No que diz respeito às aulas, mais concretamente a de Educação Física, a escola disponibiliza três tempos de 50' semanais, estando estes divididos em dois dias, um de 100' e outro de 50' para todas as turmas, exceto o 8º ano que tem apenas dois tempos de 50' semanais.

Em 2007, é inaugurado o Pavilhão Municipal de Nogueira, cuja utilização passa a ser partilhada pela escola e pelo Departamento do Desporto da Câmara Municipal da Maia. No interior deste pavilhão, existe uma sala de ginástica equipada, pavilhão com as marcações relativas a desportos coletivos, duas balizas fixas e quatro tabelas de basquetebol.

Relativamente ao espaço exterior, encontra-se à disposição cinco pistas de velocidade, três pistas à volta do campo e caixa de saltos. Dispõe ainda de quatro campos de futebol/andebol, cada campo com duas balizas e ainda quatro tabelas de basquetebol.

Devido ao nível socioeconómico da escola ser baixo, e apesar de haver um grande incentivo por parte da mesma e também pelo grupo de professores de EF para a prática de exercício físico, o Desporto Escolar (DE) torna-se um elemento importante neste contexto na medida em que possibilita aos alunos a prática de desporto, sem ter a necessidade de recorrer a desportos fora da escola. A escola possui variados desportos em que os alunos podem ter experiências únicas e encarrega-se de um maior acompanhamento, conseguindo cada aluno evoluir muito mais.

Veigas, Ferreira, & Boto (2009), referem que o DE tem como objetivos, para além dos benefícios a nível físico, contribuir para o desenvolvimento holístico da pessoa, de forma a ser um cidadão plenamente adaptado à comunidade, consciente de valores com a solidariedade e a identificação com o grupo.

O grupo de Educação Física tem um trabalho colaborativo para promover o DE e incentivar o máximo de alunos para a sua prática. A escola oferece um vasto leque de opções, nomeadamente o Basquetebol masculino, Voleibol feminino, BTT, Badminton e Ginástica acrobática.

Estas cinco modalidades estão disponíveis para todos os alunos da escola e direcionadas para vários alunos de diferentes idades e género. No entanto, apesar de haver modalidades escalonadas por género, todos os alunos podem participar, não podendo apenas realizar os jogos oficiais.

Pessoal docente e não docente

De acordo com os recursos humanos, a escola dispõe de 8 assistentes técnicos, 29 assistentes operacionais, 28 docentes de 2º ciclo, e 58 docentes de 3º ciclo e secundário. Destes números, para além da EE, está também incluído o NE, nomeadamente o João Duarte e o Xavier Pereira, que a acompanharam em todo este percurso.

Alunos

No que diz respeito aos alunos, a EBSLM integra 182 alunos do 2º ciclo, 279 alunos do 3º ciclo e 121 alunos do secundário. Num total a escola acolhe 582 alunos.

Horário e Turmas

De seguida, encontra-se ilustrado o horário que cumprimos durante todo o ano letivo. Após este estar definido, sorteou-se entre o NE as turmas que iríamos lecionar, e também o horário do desporto escolar.

Tabela 1 - Horário letivo 2018/2019

	Horas	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala
MANHÃ	8:30/9:20	ORIENT. EST.		EF 6ºD	PAV					EF 6ºD	PAV
	9:25/10:15	EF 7ºB	PAV	EF 6ºD	PAV					GAA	
	10:35/11:25	REF. DT		DT							
	11:30/12:20	EF 11ºB	PAV							EF 11ºA	PAV
	12:30/13:20	EF 11ºB	PAV	REF. DT							
TARDE	13:30/14:20							DT			
	14:25/15:30							EF 7ºB	PAV		
	15:25/16:15			EF 11ºA	PAV			EF 7ºB	PAV		
	16:35/17:25	RAD		EF 11ºA	PAV			EF 11ºB	PAV		
	17:30/18:20			DE BAS.	PAV			DE BAS.	PAV		

Ficou definido, ficar responsável pela turma do 7ºB. A turma do 6ºD, foi partilhada pelos três elementos do NE, durante todo o ano letivo. Assim, ficou estabelecido dividir as Unidade Didáticas (UD) a lecionar.

Caracterização da turma

Para o processo de ensino decorrer da melhor forma, é importante termos conhecimento dos alunos, e, neste caso, da turma com que iremos lidar ao longo do ano letivo. Posto

isto, foi realizado um questionário individual, com o objetivo de termos as informações relevantes e necessárias para a prática. Não faria sentido planearmos o método de ensino sem conhecermos os nossos alunos, visto que tal condiciona não apenas o nosso planeamento, como também a forma de atuar perante os nossos alunos.

Segundo Reddy (2017), a educação dos alunos e a formação de professores são considerados fatores importantes para o desempenho profissional. São estes fatores capazes de avaliar como os alunos conseguem atingir as suas metas e objetivos.

Com este documento, a EE deu mais importância a aspetos relacionados com o historial desportivo, médico e escolar dos alunos. Não desvalorizando o meio familiar, pois acaba por ser a base para os alunos se sentirem bem e integrados em qualquer meio/comunidade. A forma como atuamos em relação aos alunos, como lidamos com problemas dentro da “sala de aula” e os castigamos, tem de ser sempre efetuada tendo em conta o contexto em que os alunos crescem.

Lahire (2011), afirma que o agrupamento de pessoas que realmente formam uma família e estão em interação frequente com as crianças, tem o controlo da formação precoce de disposições mentais e comportamentais das crianças, sendo o primeiro espaço, primário, que tende a estabelecer objetivamente os limites do possível e do desejável.

Neste inquérito que se fez aos alunos, as habilitações dos pais estavam presentes, pelo que 29% dos alunos não soube responder. De acordo com a análise, 36% dos pais têm o 12º ano ou habilitações superiores, e 23% têm habilitações inferiores ao 9º ano. Como se pode observar, as percentagens são relativamente próximas e, geralmente, pais com habilitações literárias altas, tendem a passar os mesmos valores para os filhos.

Nesta turma, é também possível observar que, de 17 alunos, 14 vivem com os pais (pai e mãe), representando uma grande maioria (82%). Podemos antever que com este resultado há uma melhor estabilidade familiar para os alunos. Apenas 1 aluno vive com os tios, não tendo grande contacto nem conhecimento dos pais. Com isto, poderá ser um aluno que à partida precise de mais atenção.

Como refere Koller (2016), a família e a escola são contextos fundamentais para o desenvolvimento humano, podendo contribuir para a promoção de competências sócio emocionais e para a redução de problemas de comportamento.

No que diz respeito a problemas de saúde, esse parâmetro foi criado essencialmente para perceber se na turma seria necessário ter de ajustar algumas aulas, consoante os tipos de problemas que os alunos apresentassem. Verifica-se que a maioria da turma (65%) é saudável, não apresentando nenhum tipo de problema de saúde aparente. Os restantes (35%), que equivale a cinco alunos, quatro deles sofrem de asma, o que obriga a uma maior atenção à sua condição física, e o último aluno apresenta um problema não considerando tão grave, sendo esse, obstrução nasal. Foi passada à EE a informação que estavam presentes na turma dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no entanto, no que diz respeito à Educação Física, não é notório.

Relativamente à prática de desporto, 59% da turma pratica algum tipo de desporto e muitos dos alunos são federados. Com isto, conclui-se que a turma é bastante ativa e fazendo o transfere para a educação física, têm bastante aptidão para terem grandes níveis de aproveitamento.

A metodologia usada na turma do 7ºB foi a mesma que se utilizou no 6ºD. Dessa forma, a turma é constituída por 19 alunos e é composta maioritariamente por alunos do ano de 2007 (74%), que equivale a 11 anos de idade. Os restantes 5 alunos, sendo ainda uma minoria, nasceram entre os anos de 2003 a 2006, o que significa que houve alunos repetentes.

Relativamente às habilitações literárias dos pais, mais uma vez, a maioria da turma não soube responder, logo, é difícil termos uma perceção do seu ano de escolaridade. Com as informações que temos, 37% dos pais têm habilitações superiores ou o 12º ano e 26% têm habilitações inferiores ao 9º ano de escolaridade. Comparativamente à outra turma, pode-se observar que os valores não distinguem muito, o que também pode ser dos anos de escolaridade do 6º e do 7º serem próximos.

Como já foi referido anteriormente, o seio familiar é a base para um bom funcionamento estável na vida escolar dos alunos. Visto isto, observamos que a maioria dos alunos (69%) vive com os pais (pai e mãe). Nota-se também que há poucos pais separados, o que equivale a 5 alunos viveram só com as mães e ainda 1 aluno, vive com os avós.

Em relação aos problemas de saúde, sendo este patamar um dos mais importantes para se fazer uma caracterização da turma, apenas 21% apresentam problemas de saúde, dos

quais a Asma, Hiperatividade e Renite, embora uns sejam mais graves e preocupantes, ainda assim, é necessário ter sempre a atenção mais dirigida para esses alunos.

Nesta turma, observa-se que há um elevado número de alunos, (47%) que não têm qualquer atividade física. Com a Educação Física, o esperado é predispor os alunos para a prática e ainda assim, com as modalidades que são abordadas, que possam sentir o gosto e daí, procurar praticar fora da escola.

Após serem feitas as análises, consegue-se perceber que as turmas, num modo geral, apresentaram um bom percurso escolar, o facto de serem turmas tão pequenas, também beneficiou.

É notória a importância e relevância na realização deste género de documentos e na caracterização da turma e dos alunos. Conhecer os alunos, não apenas dentro do contexto escolar e especialmente fora do mesmo, foi, evidentemente, bastante importante, visto que condiciona em diversos planos o nosso contacto com os alunos.

3.4. CARACTERIZAÇÃO DO NÚCLEO DA PES

O NE é composto pela OC Elsa Cabo, e pelos estagiários Beatriz Teixeira, João Duarte e Xavier Pereira.

A professora Elsa Cabo já tem uma vasta experiência no ensino, mas principalmente como OC. Sempre esteve ligada ao desporto, mais propriamente ao Voleibol. A sua escolha para a área de Educação Física inicialmente não era aceite pelos seus pais, ainda assim, seguiu os seus sonhos e hoje em dia faz aquilo que gosta. Devido à sua experiência no cargo de OC, orientou-nos da melhor forma para os nossos objetivos.

Os EE João Duarte e Xavier Pereira, estão ambos ligados ao Futebol, nomeadamente a treinadores dos Benjamins (Sub-11), o João no Castelo da Maia e o Xavier no Boavista. Relativamente à EE Beatriz, esta já foi apresentada anteriormente, estando de momento a trabalhar no ginásio Start Up como Técnica de Exercício Físico.

O que nos distingue dos três são as nossas localidades, sendo o João da cidade da Maia, o Xavier de Santa Maria da Feira e a Beatriz do Marco de Canaveses. Ainda assim, em contraposto, o que nos une, e por isso fazemos parte do mesmo núcleo de estágio, é a nossa partilha, a importância que damos à PES, e principalmente, todos remarmos para o

mesmo lado, ajudarmo-nos mutuamente, pois todos temos personalidades diferentes, mas que em conjunto funcionam.

Segundo Raquel et al., (2015), o clima retrata o grau de satisfação das pessoas no trabalho. Observa-se que este clima influencia profundamente a produtividade do indivíduo e de meio envolvente. Assim sendo, o mesmo deve ser favorável e proporcionar motivação e interesse.

4. PRÁTICA PROFISSIONAL: DO PLANO DA ANÁLISE AO DA INTERVENÇÃO

4.1. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Neste capítulo, vamos analisar as várias áreas essenciais para a prática de ensino, nomeadamente os modelos de ensino aplicados, o planeamento, a realização, as intervenções pedagógicas e por fim, a avaliação.

4.1.1. CONCEÇÃO DE ENSINO

A eficácia dos ensinamentos deve ser interpretada através do recurso a modelos de instrução que forneçam uma estrutura global e coerente para o ensino e treino do desporto. (Mesquita & Graça, 2011).

Neste sentido, podemos subentender que a conceção de ensino, consiste na estruturação de diferentes aspetos que orientam a ação do professor nas suas decisões curriculares.

Na fase da conceção, realizou-se inicialmente uma reunião com os elementos do NE e com a OC, onde fomos conhecedores dos documentos estruturantes necessários, para dar início a todo o processo de ensino e aprendizagem face ao ano letivo. Procedeu-se à análise desses documentos, nomeadamente o Programa Nacional de Educação Física, o Projeto Educativo do Agrupamento, o Regulamento Interno, o Plano Anual de Atividades, as Aprendizagens Essenciais, entre outros, de modo a estruturar, da melhor forma, todo o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver ao longo do ano letivo.

Todas as tarefas realizadas durante esta fase, permitiu-nos adquirir capacidades para definir o que ensinar e como fazê-lo, com vista nos recursos existentes.

4.1.1.1. MODELOS DE ENSINO

Araújo (2017), vem afirmar que os Modelos de Ensino contribuem particularmente para o desenvolvimento das competências pessoais e sociais através da valorização das componentes cognitivas e sociais, seja no contexto escolar ou desportivo.

Assim sendo, ao longo do ano letivo, aplicamos alguns modelos de ensino nas turmas. Destaca-se o Modelo de Instrução Direta (MID), pois no caso da estudante estagiária, para a faixa etária que lecionava fazia mais sentido. Utilizou também o Modelo de Ensino

por Pares (MEP), aproveitando o facto de ter alunos de uma modalidade que serviam como referência e ajuda para os restantes colegas.

O Modelo de Jogos para a Compreensão também esteve presente nas aulas, pois para as crianças não há nada mais motivador do que estarem em jogo, assim, faz sentido transmitir os conteúdos dessa forma. Apesar de estes três modelos terem sido os mais trabalhados nas aulas, de uma maneira indireta, alguns dos outros modelos também foram abordados, nomeadamente o Modelo de Questionamento, fazendo perguntas aos alunos do porquê de estarem a fazer determinadas tarefas e levando-os a pensar e a dar a resposta pretendida.

Rink (2001), salienta que não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento de aprendizagem e que existem questões cruciais que o professor deve ter em consideração, no sentido de utilizar os modelos de ensino que melhor servem os problemas ditados pela sua prática docente.

Deste modo, ao abordar o MID, segundo Mesquita & Graça (2011), caracteriza-se por centrar no professor a tomada de praticamente todas as decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente a prescrição do padrão de envolvimento dos alunos nas tarefas de aprendizagem. Neste domínio, o professor realiza o controlo administrativo, determinando explicitamente as atividades desenvolvidas pelos alunos. Trabalhando com alunos de uma faixa etária menor, estes ainda não têm um sentido de responsabilidade e arranjam qualquer pretexto para sair da zona de trabalho, por isso, numa fase inicial foi importante criar algumas regras para que se ambientassem e criassem rotinas de trabalho.

Com o passar das aulas, e observando o nível dos alunos, a EE conseguiu implementar o MEP. Este modelo foi trabalhado maioritariamente nas aulas de Ginástica, pois tinha algumas alunas federadas e serviam como exemplo e ajuda para os colegas, uma vez que a EE as dividiu por grupos. O MEP tem um grande potencial para melhorar o desenvolvimento cognitivo dos estudantes em educação física (Metzler, 2011). O mesmo autor ainda refere que este modelo é uma forma de promover o desenvolvimento da aprendizagem a partir dos papéis assumidos pelos próprios alunos como tutores dos seus grupos. Ainda assim, o professor é o maior responsável pela aprendizagem, no entanto, conta com a contribuição dos alunos em tarefas pontuais.

Por fim, a EE utilizou também o Modelos de Jogos para a Compreensão. A EE acredita que é através do jogo que as crianças mais aprendem, pois é também o meio que mais gostam. Metzler (2011), indica que o modelo é baseado em sequência de atividades que enfocam problemas táticos para os alunos resolverem primeiro cognitivamente e depois através da execução e desempenho motor qualitativo.

Os jogos vieram oferecer à Educação Física um conteúdo intrinsecamente educativo, fundado no valor próprio do jogo, na matriz moral, cultural e social da sua prática, e na finalidade de preencher de prazer, de significado, de sentimento de realização e de sonho de transcendência a vida de quem joga e a sociedade que acolhe os jogos. (Graça & Mesquita, 2011)

Nessa perspectiva, os mesmos autores indicam que é importante o professor, na seleção do jogo, se preocupar em apresentar formas que tenham em conta as concepções que os alunos trazem para a situação de aprendizagem.

Este modelo é aberto ao diálogo com diferentes perspectivas, no entanto, não deve alienar o principal propósito do modelo, que consiste em desenvolver a capacidade do jogo e aumentar a participação no jogo, o que pode conduzir a um estilo de vida ativo.

Entre modelos de ensino mais centrados no professor e aqueles que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos alunos, isto é, modelos centrados nos alunos, há que encontrar o justo equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio e as necessidades de exercitar a autonomia, de modo a criar as condições favoráveis para uma vinculação duradoura à prática desportiva. (Rita Silva, Queirós, & Mesquita, 2014)

4.1.2. PLANEMAMENTO

Este é um dos pontos mais importantes, mas também onde existem mais dificuldades. Quando planeamos algo, temos uma melhor perceção do que pretendemos e é mais fácil de atingir essa meta. Por outro lado, os EE não se encontram familiarizados e têm pouca experiência, no entanto, também vai diminuindo do primeiro para o último período.

Inácio et al., (2014), define o conceito de planeamento como um processo de revisão que organiza todo o processo de ensino-aprendizagem, pelo qual os professores aplicam os programas escolares, cumprindo a função de os desenvolver e de os adaptar às condições do cenário de ensino. O processo de planeamento permite orientar o processo de ensino

de forma a possibilitar a potencialização de aprendizagens significativas aos alunos a que se destina.

No início do ano letivo, procedemos à elaboração de todo o planeamento necessário, foi um processo organizado e orientado pela OC. Criamos documentos base que foram essenciais para o bom funcionamento de todo o ano, nomeadamente os planos de aula, unidades didáticas, grelhas de avaliação diagnóstica, formativa e sumativa, assiduidade e outros.

Lopes et al., (2016), menciona que o planeamento educacional é um dos elementos didáticos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, pois orienta as etapas da prática pedagógica.

Para a elaboração de todos estes documentos, foi necessário analisar os documentos orientadores já existentes e previamente elaborados, nomeadamente o planeamento anual e a médio prazo para o 6º ano e 7º ano, de maneira a seguirmos a mesma logística, com os respetivos reajustes.

Foi essencial analisar o Plano Anual de Atividades, através da sua calendarização temos acesso às atividades existentes e as que possam ter influência nas nossas aulas, nesse sentido, foi necessário analisar ao pormenor todas as atividades, quer estas relacionadas como grupo de EF ou não, de maneira a estarmos preparados quais pudessem abranger as nossas aulas.

Relativamente às Aprendizagens Essenciais estão ancoradas numa cultura de escola baseada na autonomia e no trabalho em equipa educativa, em que as disciplinas cruzam o que deve ser ensinado e que ações estratégicas devem ser concretizadas para que os alunos aprendam melhor e de forma mais significativa. (DGE, 2018)

Planeamento Anual

Bento (2003), considera que o ponto de partida do planeamento deve estar na conceção dos programas ou normas programáticas de ensino. O mesmo autor refere que o objetivo da planificação não se prende unicamente no desenvolvimento de meios e processos para pôr em prática o processo de ensino, mas também, na descoberta de contextos reguláveis do processo.

Assim sendo, para um bom planeamento precisamos de estar minimamente familiarizados com o meio envolvente e como indica o autor Seabra et al., (2016a), é crucial e extremamente influenciador conhecer os nossos alunos. Enquadrar-se com o contexto físico, social e cultural permite projetar melhor o planeamento, tendo como referência o material e as instalações desportivas, bem como as características e interesses dos alunos.

Na EBSLM não existe *roulement*, nesse caso não podemos planear as aulas de acordo com os espaços disponíveis, no entanto, existe uma tabela, como mostra a Figura 1, de forma a saber quais os professores com quem se estaria a partilhar o campo, tendo a possibilidade de falar antecipadamente com eles sobre as modalidades que se iriam abordar e qual o espaço desportivo pretendido.

TEMPOLETIVO		2ª FEIRA							3ª FEIRA							4ª FEIRA						
INICIO	FIM	VF	PA	LP	JL	VS	EC	T	VF	PA	LP	JL	VS	EC	T	VF	PA	LP	JL	VS	EC	T
08:30	09:20	6E		6B	CAD 620	7D		3	6C			9C		8C	3	6E	5C		9A			3
09:25	10:15				9D	7D	7B	3	RAD 260	RAD 260		EF 12AB	EF 7E	8D	1	6E	5C		9A	7A		4
10:35	11:25				9D	10A		2		5B		9B	EF 7E		2	6A	5D			7A		3
11:30	12:20	6A				10A	7B	3			8B	9B		DE	2	6A	5D			10B		3
12:30	13:20					7A	7B	2			8D		7C	DT	2					10B		1
13:30	14:20							0							0							0
14:25	15:15			EXP 7D				0							0		EXP 2 5D					0
15:25	16:15			8A				1						7A	1		5A	8C				2
16:35	17:25			8C				1						7A	1		5A					1
17:30	18:20							0					DE		0							0
18:20	18:45							0							0							0

TEMPOLETIVO		5ª FEIRA							6ª FEIRA						
INICIO	FIM	VF	PA	LP	JL	VS	EC	T	VF	PA	LP	JL	VS	EC	T
08:30	09:20	6C			9C			2				9A		8D	2
09:25	10:15	6C	CAD 260		9C	10A		3			6B	EF 12AB		GAA	1
10:35	11:25		EXP 15B		9D	7D		2		5C	6B	EF 12AB	AI DE	DE	2
11:30	12:20				9B	7C		2		5D			EF 7E	7A	2
12:30	13:20					7C		1			EXP 7A		10B		1
13:30	14:20							0							0
14:25	15:15						7B	1		5A	EXP 2 5B				1
15:25	16:15			8A			7B	2		5B	8B				2
16:35	17:25			8D			7B	2		5B			DE		1
17:30	18:20						7B	0					DE		0
18:20	18:45							0							0

VF	VERA FERREIRA
PA	PEDRO ADÃO
LP	LUI'S PIZARRO
JL	JORGE INACIO
VS	VITOR SÉRGIO
EC	ELSA CABO

Figura 1 - Calendarização do grupo de Educação Física

No 1º período e no 3º período, lecionaram-se 3 modalidades distintas, o último período por ser o mais pequeno, apenas se realizaram 2 modalidades. Inicialmente para cada período estava planeado abordarmos modalidades de carácter alternativo, no entanto, apenas só foi possível no 1º período, nomeadamente o rugby. Como foi referido anteriormente, embora haja um planeamento prévio, acontecem imprevistos e/ou atividades que não estavam programadas, desse modo, reajustou-se de maneira a que os alunos não ficassem prejudicados nas outras modalidades.

Ao planear o ensino, o professor antecipa de forma organizada as etapas do trabalho escolar Marcon, Graça, & Nascimento (2011), no entanto, embora tivéssemos planeado

com antecedência, acontecem sempre imprevistos e nessas situações temos de saber improvisar e dar a volta de outra maneira.

De acordo com Bento (2003), o plano anual procura situar e realizar o programa de ensino e a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo na preparação do processo de ensino.

Unidade Didática

As Unidades Didáticas são partes essenciais do programa de uma disciplina. (Bento, 2003)

Para a elaboração das diferentes Unidades Didáticas, a EE utilizou o Modelo de Estrutura de Conhecimento, proposto por *Vickers*. A elaboração deste documento permite de uma forma sucinta transmitir toda a informação necessária para a realização e organização do processo de ensino. Para além disso, este modelo pode ser sempre reajustado durante o processo de ensino e aprendizagem, indo de encontro às necessidades específicas de cada turma (Vickers, 1990).

A UD deve ser elaborada após a avaliação diagnóstica, assim dá a possibilidade ao professor de ter conhecimento dos níveis dos alunos em cada modalidade e a partir daí, devem então ser traçados os objetivos e os métodos até ao final da mesma. Os conteúdos devem ser transmitidos de uma forma lógica e progressiva, do mais simples para o mais complexo, no sentido de promover uma aprendizagem adequada para os alunos.

O facto de por vezes termos alunos de diferentes níveis, dá a possibilidade de recriarmos vários métodos, como afirma Araújo (2007), ao prognosticarmos para cada matéria um determinado nível estamos, ao mesmo tempo, a esboçar para cada aluno, em função dos critérios de avaliação já estabelecidos, um determinado perfil.

Para a utilização das UD a EE para além da avaliação diagnóstica, usou a introdução, exercitação, consolidação e avaliação sumativa que serviam de guia para os conteúdos a lecionar.

A introdução, e como o nome indica, é uma apresentação para as técnicas que serão abordadas na modalidade. No que diz respeito à exercitação, serão nestas aulas que os alunos irão trabalhar e aperfeiçoar, de modo a melhorarem as suas aptidões técnico/táticas. Relativamente à consolidação, esta é a penúltima fase da UD, pois é nesta altura que os alunos já devem dominar os conteúdos e partem para a fase final, a avaliação

sumativa. Nesta etapa, pretende-se observar e avaliar a evolução dos alunos e se os objetivos inicialmente previstos foram cumpridos.

Houve a necessidade de em algumas modalidades fazer pequenas alterações devido à realização de atividades, não previstas no PAA, e assim adaptar com vista a transmitir tudo o que estava planeado.

Dessa forma, a UD é um documento de apoio ao professor, onde está organizado todo o processo de ensino e aprendizagem das modalidades e respetivos conteúdos por aulas de forma progressiva e fluida. Sempre flexível.

Planos de Aula

Devemos realizar o plano de aula, tendo em conta aquilo que queremos instruir, as características dos alunos, o espaço e o material disponível, porém pode sofrer alterações sempre que se justifique durante a prática.

Bento (2003), afirma que cada aula exige um empenho máximo por parte do professor, do primeiro ao último minuto. Por forma a levar a efeito a sua planificação, este tem que ter uma atitude proativa, isto é, agilidade, mobilidade e boa capacidade de adaptação às diversas situações que possam surgir.

Ribeiro (2016), vem ainda mencionar que o plano é um guia de orientação, pois é nele que encontramos os meios para o trabalho de docente, e possibilita a flexibilidade do plano de aula, conforme o processo de ensino que precisa de modificações no decorrer do tempo.

O plano de aula trata-se de uma estrutura complexa e está dividido em três partes. A parte Inicial, a Fundamental e a Final. A primeira parte inicia-se sempre com uma breve introdução aos objetivos a alcançar na aula, seguida de um aquecimento específico tendo em conta os conteúdos a abordar na parte fundamental. Na parte fundamental e das mais importantes, são realizados os exercícios principais tendo em conta os objetivos específicos. Por fim, todas as aulas terminam com o retorno à calma, com feedback dado pela EE, fazendo uma breve reflexão da aula e com a arrumação do material, distribuindo tarefas pelos alunos.

Bento (2003), refere que a planificação é o elo de ligação entre as pretensões e os objetivos planificados para a realização da prática. Isto porque, tal pode ser necessário

alterar-se, para cumprir os objetivos, ou seja, a realização da prática do processo de ensino.

Inicialmente, a construção dos planos de aula era uma tarefa mais demorada, que exigia algumas horas de trabalho. A EE tentava planejar tudo com grande pormenor, mas depois na prática, nem sempre corria como idealizava, como por exemplo ter de alterar as composições dos grupos que já tinha pré-programado devido a alunos que faltavam ou não faziam aula.

Para a melhoria e evolução de aprendizagem da EE, as reflexões após aulas partilhadas com a OC e com o NE foram bastante importantes e enriquecedoras, dado que permitiram debater aspetos que ocorreram nas aulas, que por vezes, por estarmos tão envolvidos dentro da aula não conseguimos reparar.

Ribeiro (2016), volta a frisar que o professor deve saber liderar uma aula, ser flexível no comprometimento com a metodologia, deve sempre contribuir para a aprendizagem do aluno, nesse sentido encarregar-se de perceber se o conteúdo está a ser transmitido corretamente, mudando a sua metodologia sempre que for necessária, ate chegar a um nível de transmissão do conteúdo e assimilação do mesmo por parte dos alunos, ideal para as suas aulas.

4.1.3. REALIZAÇÃO

O professor é aquele que deve, acima de tudo, assumir um compromisso social com o ensino, com a aprendizagem dos conhecimentos e dos valores básicos que se fazem necessários a todos os cidadãos.

(Souza & Paixão, 2015)

4.1.3.1. DIMENSÕES DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Após o planeamento, é nesta fase da realização que pomos em prática o processo anterior. Neste ponto, o sucesso do processo de ensino depende tanto da atividade do professor como da aprendizagem dos alunos para que estes adquiram os conhecimentos. Todo o processo de ensino é acompanhado pelo professor, no entanto, os alunos têm o papel de cumprir com todo o processo e, desta forma, a realização seja bem-sucedida.

De acordo com Siedentop (2008), os quatro fatores essenciais para uma boa prática de ensino são a organização, gestão, clima e disciplina. O mesmo autor refere que é da responsabilidade do professor criar regras e rotinas, para que dessa forma, se minimize os maus comportamentos dos alunos.

Cabe ao professor, durante a atividade de docente oferecer condições para que os alunos interajam motivados na tentativa de responder às tarefas da aula planeada, de forma a ocorrer um fluxo contínuo no processo de aprendizagem e possibilitando atingir os objetivos (Resende, Albuquerque, & Gomes (2015).

Os professores, enquanto gestores da sua atividade de docente, realizam diversas tarefas típicas que caracterizam a sua profissão, nomeadamente a instrução, gestão, disciplina e clima. Resende, Albuquerque, & Gomes (2015), definem a instrução como ações para levar os alunos a dominar o currículo formal. No que diz respeito à gestão, afirmam que são ações implementadas para criar e manter um ambiente de aprendizagem que conduza a um ensino bem-sucedido. Em relação à disciplina, são ações para provocar mudanças desejadas no comportamento dos alunos sobre a participação nas atividades e a conformidade com as regras adotadas. Por fim, e para complementar, os autores acima referidos, mencionam que o clima são ações para gerir o ambiente psicossocial da aula e influenciar as atitudes, crenças, expectativas e comportamentos pessoais e sociais dos alunos.

Para um bom controlo da turma, é importante que os parâmetros acima referidos estejam sempre presentes nas aulas, no entanto, enquanto professores temos de saber gerir cada turma e cada aluno de maneiras diferentes, pois há particularidades diferentes e por vezes não é possível lecionar as aulas todas com a mesma metodologia para todos os alunos.

Anacleto (2013), afirma que o conceito de rotina é associado ao conhecimento em ação e ao saber-fazer, no que toca às tarefas e competências do professor. Este conhecimento em ação, que engloba os processos de pensamento, de planeamento e das práticas de ensino dos professores, vai sendo marcada mais individual à medida que se distancia do ponto de partida.

De acordo com Flores, Lurdes, & Carlos (2016), tornar-se professor constitui um processo complexo, idiossincrático e multidimensional que implica o desenvolvimento de competências profissionais específicas do “aprender a aprender” e “aprender a

ensinar”, bem como competências do “saber ser e estar” e “saber conviver” numa família e cultura profissional. Este processo passa por diversas fases que ajudam o profissional a adquirir ou a desenvolver os seus conhecimentos e saberes, decorrentes de contextos e experiências variados.

Para isso, durante todo o ano letivo, antes de lecionar as aulas, a EE preparava-se, de forma a manter a aula organizada e com segurança, tendo sempre um plano B, caso houvessem imprevistos. Houve esforço e dedicação para que todos os objetivos das aulas fossem cumpridos e, acima de tudo, criar um bom ambiente.

Como menciona Fabiani (2009), um profissional tem como filosofia a discussão de valores éticos e da formação profissional. Portanto, não basta aliar a prática e a técnica. Mais do que isso, é necessário procurar ser um ótimo profissional com o maior grau de perfeição possível, seja técnica ou eticamente.

Ao longo do ano a preparação de um professor é crucial para cada uma das aulas. Isto porque, se o professor não tiver minimamente preparado para dar a aula e apenas só tiver ideias superficiais daqueles que serão os conteúdos a lecionar na aula, não se conseguirá centrar naquilo que é realmente importante. Daí, quando existem os planos B, embora tenhamos ideias do que lecionar, não nos preparamos a 100% para essa aula.

A experiência recolhida ao longo deste ano demonstrou que a utilização de *feedbacks* representa uma forma pedagógica e didática extremamente útil para que o docente foque os seus alunos naqueles que são os pontos mais importantes da matéria de ensino.

É importante referenciar o *feedback* como uma mais valia do professor no processo de interação pedagógica. O conceito de *feedback* é definido como um comportamento do professor de reação à resposta motora de um aluno, tendo como objetivo modificar essa resposta, no sentido da aquisição ou realização de uma habilidade. (Rosado & Mesquita, 2011)

Tendo a EE lecionado ao 6º ano e 7º ano, esta faixa etária necessita de bastantes *feedbacks* e de um maior controlo de aula, pois qualquer desvio pode ser motivo para os alunos divagarem na tarefa proposta. A EE por vezes sentiu dificuldades, pois na turma havia alguns alunos perturbadores e por vezes mal-educados, tendo optado por criar uma postura diferente face aos mesmos. Houve uma altura em que a EE percebeu que não é a reprimir que vai ter o controlo desses alunos, mas sim o contrário, foi então que optou

por dar tarefas de responsabilidade e falar de maneira mais harmoniosa. (Siedentop, 2008) diz que um comportamento pode ser modificado graças à aplicação cuidadosa e coerente de eventualidades, fazendo uma relação entre comportamento e consequências.

As reflexões com a OC e com o NE foram fundamentais neste processo. Com a colaboração dos mesmos fomos debatendo quais as melhores estratégias para lidar com os alunos indisciplinados e com os problemas que se foram levantando. Através das reflexões, a EE compreendeu, moderou e aplicou outra forma de agir com a turma, visto que normalmente era demasiado rígida com os alunos.

Inicialmente, as regras foram ditadas e foi importante manter a mesma postura e se fazer cumprir essas regras do início ao fim. Siedentop (2008), refere que uma rotina é um procedimento para obter comportamentos precisos numa turma. A rotina que melhor funcionou foi a do apito, e isso gerou uma maior fluidez nas aulas e nos exercícios. Automaticamente quando apitava duas vezes os alunos tinham de parar imediatamente o que estavam a fazer e vir em direção à professora, assim como quando só apitava uma vez, eles tinham de parar, mas já sabiam que era só para uma simples explicação.

Em relação à escolha dos exercícios, estes foram sempre pensados para que os alunos estivessem motivados, realizando jogos através de situações lúdicas de maneira a que aprendessem o que era pretendido. Foram raras as vezes que a EE implementou exercícios analíticos, para além de gerar motivo para mais brincadeiras e sair da zona que pretendia, têm uma maior desmotivação e aborrecem-se mais facilmente. Pizani, Rinaldi, Miranda, & Vieira (2016), salientam que um estudante motivado apresenta interesse durante o processo de ensino-aprendizagem e envolve-se de forma persistente em tarefas desafiadoras.

Não basta querermos só os alunos motivados, um professor passa muito o seu estado de espírito para a turma, assim sendo, e segundo Carvalho (2015), o professor deve demonstrar para o seu aluno o mesmo entusiasmo que ele gostaria de ver neles. Ele deve estar motivado a passar o seu conhecimento e dessa forma vai ter êxito na sua tarefa de transformar seus alunos em cidadãos ativos que praticam atividade física sabendo que no futuro será importante para a vida deles.

No final das aulas, a EE fazia sempre questão de reunir os alunos, fazendo uma breve reflexão do objetivo da aula e questionava-os sobre o trabalho que realizaram, de forma a estarem preparados para o teste escrito que teriam no final de cada período.

Em relação à EE, numa fase inicial teve algum receio que os alunos não a vissem como uma professora e não a respeitassem com tal, mas não foi o que aconteceu, todos os alunos, inclusive do ensino secundário onde procedia à observação de aulas, detinham todos uma postura correta e respeitadora.

Na EBSLM o facto de não haver divisão de campo há maior tendência para haver ruído, o que condiciona o professor, pois tem de falar mais aula, quer em explicação de exercícios, quer em *feedback*, mas também afeta aos alunos, pois estes distraem-se com mais facilidade.

Relativamente às oportunidades, e contradizendo o que foi dito anteriormente, o facto de nunca haver mais de 3 turmas a ter aulas ao mesmo tempo, é muito facilitador, pois podemos estar no campo, como no exterior. Ainda assim, conseguimos sempre saber de antemão o que os restantes professores estão a lecionar, conseguindo agilizar e organizar as nossas aulas de maneira a que tenhamos sempre o espaço pretendido.

Como ameaças, e focando no ponto da gestão, torna-se muito difícil gerir uma aula de 50', pois na prática apenas lecionamos 35' de tempo útil e considerando os atrasos dos alunos, torna-se pouco para uma aula de Educação Física.

Se formos a considerar também o comportamento dos alunos e as chamadas de atenção, também se perde muito tempo na gestão, o que leva a pouca prática de exercício físico.

Por opção, desde início a EE decidiu que seria a própria a criar os grupos de trabalho, no entanto, todas as aulas haviam alunos que continuavam a ficar descontentes, independentemente de serem grupos homogéneos ou heterogéneos, considerando também uma ameaça.

No decorrer das aulas verificou-se descontentamento dos alunos face aos desportos individuais, assim sendo, a EE optou por intercalar os desportos coletivos com os desportos individuais, dessa maneira, quando os alunos chegavam à aula nunca sabiam o que iriam abordar, o que automaticamente os impedia de “inventar” uma desculpa para não fazer a aula.

Como refere Júnior, Maldonado, & Silva (2017), ensinar o desporto de maneira satisfatória está ligado à preparação dos alunos para executar as habilidades através da descoberta do prazer de realizar as atividades como também conscientizá-los sobre seus limites e capacidades possibilitando uma variedade de movimentos e novos conhecimentos. Dessa maneira, o professor deve centrar o seu ensino nas questões pedagógicas que permeiam a aprendizagem de seus alunos, ou seja, inovando propostas, criando um ambiente participativo e saudável.

Para criar um bom ambiente aos alunos, em todas as aulas a EE realizava jogos ou exercícios de competição, apontado sempre os resultados, dessa forma os alunos percebiam a importância que era dada à tarefa que realizavam e no final de cada aula bastava dar os parabéns à equipa vencedora ou até mesmo indicar o grupo vencedor que eles ficam com maior confiança e saiam das aulas com maior satisfação.

Fazendo um balanço relativamente a este ponto, a EE considera que teve um bom desempenho, sendo sempre linear nas suas escolhas e ações, tendo sempre cumprido o planeamento e cumprindo o que era pretendido ao longo das unidades didáticas.

4.1.4. AVALIAÇÃO

A avaliação é um aspeto crucial no processo de ensino e aprendizagem, que conjuntamente com a planificação e realização, são tarefas centrais do professor (Bento, 2003).

Assim sendo, Mendes (2012), refere que incumbe-se ao profissional da Educação Física, aperfeiçoar-se no sentido de diminuir assimetrias no seu sistema de avaliação. Este parâmetro foi o que causou mais dificuldade à EE, no entanto, o mesmo autor indica que a dificuldade na avaliação decorre da pesada responsabilidade que é imposta aos professores estagiários quando têm de realizar um juízo de valor sobre a prestação dos seus alunos, com dados pouco objetivos e muitas vezes sem o apoio de critérios e procedimentos de avaliação claros.

Sendo a avaliação parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, entende-se o processo como um procedimento obrigatório ao longo do ano letivo, pois só com a sua realização se consegue verificar o sucesso dos alunos, assim como se os objetivos e as metas para cada um foram atingidos. Gonçalves, Albuquerque, & Aranha, (2016), mencionam que a melhoria da qualidade de ensino só é conseguida através da avaliação

constante e permanente. Todas as informações recolhidas ao longo do processo de ensino e aprendizagem devem ser utilizadas para a avaliação. Posto isso, a avaliação determinará as características de um aluno.

Os mesmos autores referem que a avaliação permite identificar problemas de uma forma mais correta, que devidamente analisados podem ser resolvidos, sempre tendo em conta o produto final que é o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Para uma boa avaliação, é necessária uma boa observação e antes de observarmos, temos de saber exatamente o que vamos observar, facilitando assim a avaliação. Por conseguinte, o treino da observação deveria ser um elemento a privilegiar desde o início do processo de formação pedagógica o que nos permitiria mais experiência neste patamar.

Para tal, Mendes (2012), indica que o simples ato de observar deve ser uma decisão constante do planeamento que precede a fase de avaliação e, em consequência acompanha a análise e possível reajustamento da planificação. (Figura 2).

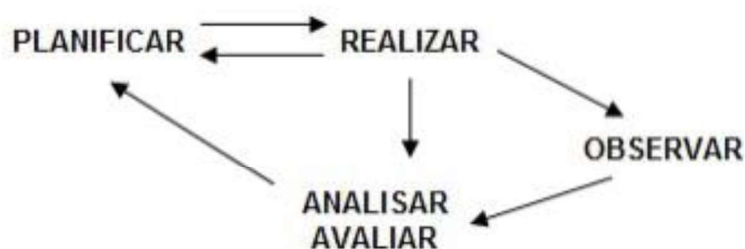


Figura 2 - Tarefas centrais de cada professor.

Aprender a realizar uma boa observação de movimentos é um dos aspetos importantes na formação de professores. A observação é um processo essencial para que a avaliação seja objetiva e rigorosa, cumprindo o papel determinado pelo docente (Mendes, 2012)

Durante o ano letivo utilizamos três processos de avaliação, sendo elas a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Nos vários momentos de avaliação as principais preocupações da EE passaram pelo que avaliar e como avaliar. Inicialmente, a sua dificuldade debateu-se com a seleção dos conteúdos que pretendia avaliar, bem como com a definição dos critérios de êxito de cada conteúdo. A definição dos critérios de êxito demonstrou-se essencial para uma avaliação eficaz, na medida em que orientam todo o processo de ensino-aprendizagem (Gonçalves et al., 2016).

No que confere à avaliação diagnóstica, este é um momento de avaliação que não tem qualquer propósito avaliativo, não recolhe informações no sentido de classificar o aluno num determinado patamar, mas sim com o objetivo de recolher informações acerca das capacidades dos alunos. Assim sendo, (Gonçalves et al., 2016), referem que esta análise vai permitir ao professor um diagnóstico da situação, prescrevendo as medidas que ache mais corretas para atingir os objetivos a que se propõe.

Na EBSLM não são realizadas avaliações diagnósticas nas modalidades individuais, no entanto, para essas modalidades a EE utilizou exercícios básicos e em circuito, tendo assim a possibilidade de ter noções das capacidades dos alunos. É nesta fase que se pode verificar se o aluno possui as aprendizagens anteriores necessárias, para se passarem para novas aprendizagens.

Na avaliação formativa, tem de existir *feedback* entre o nível real do trabalho que está a ser avaliado e o requerido como padrão. Também requer acompanhamento de todo o processo de ensino-aprendizagem e tem como princípio a sua realização de forma sistemática, contínua e interativa entre docentes e discentes (Rodrigues & Neves, 2015). Gonçalves et al., (2016), acrescentam que o processo de avaliação formativa contribui para a eficácia do ensino porque consiste na observação e interpretação dos efeitos, permitindo assim orientar os alunos. Os alunos indiretamente são avaliados ao longo das UD. Trata-se de um processo contínuo, embora não haja o mesmo formalismo que na avaliação sumativa. Nesse sentido, permite que os alunos estejam mais descontraídos e se algo correr mal na avaliação final, não os prejudica de certa forma, pois durante as modalidades sabemos do que são ou não capazes de realizar.

Por fim, sobre a avaliação sumativa, esta é efetuada no final de cada UD e tem um carácter quantitativo ou qualitativo. Gonçalves (2018), refere que quem avalia tem de se dar a conhecer ao objeto de avaliação e a forma como vai ser avaliado, e ainda, quais os parâmetros e critérios de avaliação que vão legitimar o seu desempenho. Nesse sentido, a avaliação sumativa foi sempre realizada com exercícios que trabalhamos ao longo de cada modalidade, potencializando aos alunos oportunidade para esclarecerem dúvidas e até mesmo darmos os *feedbacks* importantes.

Segundo Gonçalves et al., (2016), é a avaliação sumativa que permite comparar os resultados iniciais com os finais, permitindo assim fazer o resumo do que aconteceu ao longo do processo.

Os conteúdos da grelha da avaliação de diagnóstico eram iguais ou idênticos aos conteúdos da grelha da avaliação sumativa. Isto permitia à EE estar mais familiarizada com o que pretendia observar, o que facilitou o processo avaliativo.

A avaliação dos alunos foi realizada de forma prática, em todos os períodos, tendo a percentagem de 70% no domínio das capacidades, no entanto, no primeiro e segundo período foram realizados também testes teóricos, tendo apenas a percentagem de 10% que entrava no domínio dos conhecimentos. A realização do teste teórico serviu como experiência para os estudantes estagiários pela sua execução e correção do mesmo.

Na avaliação dos alunos, as atitudes também contavam com 20%, estando incluído a assiduidade, pontualidade, material e comportamento.

No final de cada período foi também realizada a autoavaliação dos alunos, neste ponto, Gonçalves et al., (2016), indicam que a autoavaliação permite ao indivíduo a identificação dos erros de percurso cometidos e ajuda na procura de soluções alternativas. Os mesmos autores referem que o aluno deve ser capaz de melhorar o seu valor, do que valem e do que merecem. A autoavaliação consiste, essencialmente, num processo de regulações dinâmicas e interativas de formação.

Posto isto, e citando as palavras de Sousa (2012), a avaliação é vista como parte integrante, e só desta forma é possível que os seus efeitos sejam decisivos para a sua regulação e inevitavelmente para os professores e alunos, permitindo-lhes verificar a distância a que se encontram dos objetivos educativos. O autor acima referido, ainda constata que relativamente ao processo de avaliação há que proceder à definição dos objetivos, dos critérios de realização, das tarefas a desempenhar pelo aluno, dos padrões ou níveis de desempenho, da recolha e amostra do desempenho, da valoração do desempenho e da tomada de decisão.

Relativamente ao ponto da avaliação, conhecer os alunos e associar os nomes às caras, tornou-se um ponto forte e, o facto de ter apenas 17 alunos na turma do 7º ano e 19 alunos na turma do 6º ano, foi uma vantagem, pois a EE imediatamente conseguiu memorizar os alunos, no entanto, a falta de experiência, levou a que se perdesse mais tempo na avaliação, perdendo algum tempo na observação.

5. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Relação com a comunidade, está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante a um compromisso coletivo.

(Loureiro, Bertinetti, & Hamamura, 2016)

5.1. ATIVIDADES REALIZADAS

Desde cedo nos informaram das atividades que a escola proporciona ao longo do ano, bem como as que nós teríamos de realizar autonomamente. Estas atividades são importantes na medida em que nos aproxima com a comunidade, mais especificamente com o grupo de EF, mas também nos dá responsabilidade e aprendizagem por estarmos integrados em todo o processo.

O NE participou em todas as atividades propostas, quer pelo grupo de Educação Física, quer pela direção da escola e ainda outras que constavam no PAA. Como estudantes estagiários, fomos sempre avisados antecipadamente das atividades, assim como as tarefas que nos propuseram.

De seguida, apresentamos todas as atividades realizadas durante a PES.

Dessen & Polonia (2007), referem que através de atividades, os alunos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas na sala de aula e fora dela. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade.

Atividade Erasmus

Nas primeiras semanas do ano letivo, realizamos a nossa primeira atividade proposta pela Diretora da Escola, uma dança, cujo o tema era “The Wise and Eco Friendly Consumer” e após a atribuição dessa tarefa, iniciamos logo a procura de alunos para participar na atividade, principalmente os alunos que também seriam guias dos estudantes que se deslocavam até Portugal. Este evento foi realizado no cineteatro da Venepor na Maia, com o objetivo de proporcionar aos alunos estrangeiros a nossa cultura.

O tema da atividade foi a reciclagem e a partir desse tema utilizamos as camisolas do desporto escolar das três cores dos ecopontos para os alunos dançarem em palco dando cor à coreografia.

Abraçamos esta oportunidade e esforçamo-nos para que tudo corresse conforme esperado, embora com pouco tempo para a preparação da atividade.

Como os alunos do programa Erasmus só estiveram em Portugal uma semana, só tivemos essa mesma semana para ensaiar com todos os participantes da atividade, devido à pouca compatibilidade de horários e às atividades preparadas para o programa.

Contudo, achamos que esta atividade é de enriquecimento social e motor para toda a comunidade escolar e que, poderá ser uma atividade proposta na escola, passando a ser realizada fora do contexto Programa Erasmus. A utilização do grupo de Educação Física é excelente, dado a ligação que estes profissionais têm com atividades rítmicas.

Torneio de Captação de Basquetebol

No dia 18 de outubro, realizamos na EBSLM as captações de basquetebol masculino. O objetivo desta atividade foi captar possíveis alunos para o grupo equipa de basquetebol masculino sub15 do DE que existe na escola. Deste modo, houve bastantes participantes, de diversos escalões etários, embora o objetivo fosse captar alunos nascidos entre 2004 e 2007, apesar de ter sido aberto a outros alunos mais velhos. A organização foi levada a cabo pelo grupo de Educação Física que geriu o torneio de modo a existir um ambiente propício à prática da modalidade.

Dia Europeu do Desporto Escolar

O dia Europeu do Desporto Escolar celebrou-se a 28 de setembro e, nesse dia, a escola teve a intenção de realizar uma atividade para celebrar o DE, como meio de promover uma vida ativa e saudável.

Para a escolha da atividade, e após reunião com todo o grupo de Educação Física, definindo-se que destacaríamos o BTT, num percurso já pré-definido, promovendo a captação de alunos para o DE da modalidade que a escola oferece.

Destacamos que nesta atividade, por termos pouco tempo para a divulgação, a aderência não foi a melhor, ainda assim, valorizamos o facto de a escola e o grupo de EF ter a sensibilização para a melhoria da atividade física.

Corta Mato da EBSLM

O corta mato da EBSLM, realizou-se no dia 13 de dezembro e foi das atividades mais trabalhosas, no sentido em que há muita burocracia por detrás desta atividade.

As tarefas relativas à organização foram divididas pelos professores de Educação Física. Ficou ao encargo do NE o contacto com empresas com o objetivo de adquirir patrocínios para apoio à atividade, nomeadamente o reforço alimentar e os prémios aos alunos participantes. Os restantes professores ficaram encarregues da recolha e gestão dos alunos para a atividade.

Todo este processo tem de ser iniciado com muita antecedência, para que no dia esteja tudo conforme planeado.

Previamente, foram distribuídas tarefas por todos os professores. Nós, NE, ficou responsável pela ativação geral dos alunos antes da prova, bem como controlar a passagem dos mesmos em pontos estratégicos.

No final da prova, correu tudo conforme o esperado e sentimo-nos com o dever cumprido. Esta atividade teve uma segunda fase, o corta mato distrital, onde também tivemos o privilégio de poder acompanhar os alunos.

Corta Mato Distrital

O corta mato distrital, realizou-se no dia 8 de fevereiro 2019, no parque da cidade do Porto. Esta atividade contou com a participação de aproximadamente 50 alunos, divididos pelo género feminino e masculino, representando a EBSLM.

As tarefas relativas à organização desta atividade foram da responsabilidade do Grupo de Educação Física, tendo como tarefas organizar e acompanhar os alunos, prontificar o transporte até ao local da prova, direcionar os alunos até a partida e recolha dos mesmos após a corrida.

A participação dos alunos nesta atividade foi positiva, conseguimos boas classificações dos nossos alunos nas provas onde participaram, e sobretudo, que estes se sentissem

integrados e vivenciassem a cultura desportiva ao qual este evento tem como objetivo transmitir.

Para nós EE de Educação Física, foi uma manhã diferente onde conseguimos apreciar a organização e gestão do corta mato distrital, encontrar colegas que se encontram a estagiar noutras instituições e sobretudo relacionarmo-nos com alunos e professores fora do âmbito escolar.

Torneio de *Street Basket* e Voleibol

O Torneio de *StreetBasket* e o Dia do Voleibol realizara-se no 2º Período, no dia 21 de fevereiro.

Este torneio, decorreu durante toda a manhã e destinou-se aos alunos do 3º Ciclo e Secundário, onde foi possível contar com a participação de aproximadamente 100 alunos, divididos em 6 anos de escolaridade.

Já na parte da tarde, decorreu o Dia do Voleibol, destinado aos alunos do 2º Ciclo. Neste torneio contamos com a participação de 20 duplas, divididas nos 2 anos de escolaridade.

O núcleo de estágio esteve presente nas duas atividades e colaborou na organização e gestão. Estas duas atividades tiveram como principal objetivo sensibilizar os alunos para a prática do exercício físico promovendo a socialização entre os alunos.

Mega *Sprint* e Torneio de Andebol

A atividade do Mega *Sprint* realizou-se no dia 9 de maio, de manhã, para os alunos do 2º ciclo, conforme consta no PAA, no que diz respeito ao torneio de andebol, este teve de ser adiado para o dia 16, devido às condições climáticas.

Este que decorreu durante toda a tarde, destinou-se aos alunos do 3º ciclo e Secundário, onde foi possível contar com a participação de aproximadamente 80 alunos, divididos em 4 anos de escolaridade.

Esta atividades teve como principal objetivo sensibilizar os alunos para a prática do exercício físico promovendo a socialização entre os participantes numa tarde desportiva.

Na realização desta atividade, esteve responsável o grupo de Educação Física, contando também com o apoio e colaboração de alunos ligados à modalidade de Andebol.

Provas de Aferição

Relativamente às provas de aferição, a nossa OC foi designada como classificadora nas provas do 2º ano e classificadora e aplicadora nas provas do 5º ano, dando-nos a possibilidade de a poder acompanhar. Aceitamos de imediato a proposta, era mais uma atividade que nunca presenciamos e dar-nos-ia uma maior bagagem para acrescentar a este nosso ano letivo. A prova do 2º ano foi realizada na EB1 de Folgosa e contou com a participação de 19 alunos. Já a prova do 5º ano, foi realizada na nossa escola e estiveram presentes 20 alunos. Tivemos o cuidado de ler a prova antecipadamente, ajudar a montar o material e exemplificar para os alunos, de modo a facilitar o processo e que este fosse fluido.

Lecionar outras turmas

Este ponto foi mais um desafio proposto pela OC, lecionar as aulas dos nossos colegas do NE. Para a EE foi sem dúvida sair da sua zona de conforto, pois, durante todo o ano letivo apenas lecionou ao ensino básico, nomeadamente ao 6º ano e 7º ano.

Ter esta experiência foi sem dúvida importante, ter uma perspetiva do que é lecionar ao secundário, neste caso, às turmas do 11º ano. As turmas em si são completamente distintas, no caso do 11ºA, a turma é bastante pequena, o que fez com que o tempo demorasse a passar, pois só havia um grupo e a EE estava constantemente nesse grupo. Os alunos por si também são um pouco introvertidos e a dinâmica das aulas tem de ser mais ativa. No que diz respeito à turma do 11ºB, é completamente o oposto, são imensos alunos, o que por vezes é difícil gerir tantos alunos para tão pouco espaço de campo, no entanto, são muito pré dispostos para a atividade e há uma boa relação professor-aluno.

No geral, foi uma boa experiência, completamente diferente do que é lecionar ao ensino básico e acaba por ser menos desgastante, os alunos já têm noções e não há necessidade de estar constantemente a parar o exercício ou reprimir devido ao comportamento.

Direção de Turma (DT)

Durante todo o ano letivo, acompanhamos a direção de turma do 11ºB, na qual a professora Elsa Cabo era DT. Com ela, procuramos aprender todos os ensinamentos que nos ia transmitindo relativamente ao cargo, nomeadamente as justificações de faltas,

reuniões com os Encarregados de Educação, preparação das reuniões para a época de exames, entre outras.

Com isto, percebemos a importância de um DT e todo o trabalho extra que o mesmo exerce. Como refere Cunha, Pacheco, & Batista (2018), o diretor de turma não se pode limitar à transmissão de informações e gestão de faltas, deve facilitar o desenvolvimento psicológico do aluno, promover o conhecimento e a aceitação de normas, valores e atitudes. A este papel acresce o de gestor do processo de desenvolvimento do currículo, enquanto força motora para a introdução de inovações curriculares, com base na resolução de problemas com os alunos.

Tivemos também a oportunidade de participar em reuniões e todo este processo foi essencial, dando-nos assim bases para o futuro.

Desporto Escolar

Durante todo o ano letivo, acompanhamos a equipa do Desporto Escolar, nomeadamente, o Basquetebol no escalão etário Sub-15.

Primeiramente, realizamos a captação de alunos para o grupo equipa de Basquetebol, como já foi referido anteriormente, de maneira a termos um maior número de inscritos na modalidade. Para além disto, criamos cartazes e afixamos na escola com os dias dos treinos e o horário, chamando assim a atenção para o DE.

A EBSLM por ter um número reduzido de alunos, tem um protocolo com a Escola Secundária da Maia, dando-nos possibilidade de termos mais alunos, (muitos deles federados), para levar para os jogos, visto que é obrigatório um número mínimo de 10 alunos.

Num total, realizamos 8 jogos, e 3 saídas, sendo o primeiro jogo na nossa escola, e os restantes foram realizados na Póvoa do Varzim, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia. Para a realização de todos os jogos, há exceção de um, tivemos sempre a comparência de alunos suficientes.

Durante o ano letivo, todas as semanas existiam dois treinos DE 90', sempre com a participação e colaboração do NE, criando assim exercícios e formas de progressão para a melhoria da modalidade. Para além disso, realizamos dois treinos extras nas férias, um em cada período, possibilitando aos alunos maior motivação e ocupação de tempos livres.

O Programa de DE tem como objetivo estimular a prática da atividade física e da formação desportiva como meio de promoção do sucesso dos alunos, de estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa. A atividade desportiva desenvolvida ao nível do DE põe em jogo potencialidades físicas e psicológicas, que contribuem para o desenvolvimento global dos jovens, sendo um espaço privilegiado para fomentar hábitos saudáveis, competências sociais e valores morais (DGE, 2017).

Após esta envolvência intrínseca no DE, sentimos que evoluímos, não só na modalidade, mas na forma como nos enriqueceu enquanto futuros professores.

Seminário

De todas as atividades propostas e realizadas, esta foi sem dúvida a mais trabalhosa, mas ao mesmo tempo, gratificante. Desde o início do ano já sabíamos que teríamos de realizar um seminário, no entanto, enquanto NE, trabalhamos sempre de modo a que fosse de encontro ao nosso projeto de intervenção.

O evento realizou-se no dia 15 de maio e destinou-se para as turmas que participaram no projeto intitulado “Programa de Força e Condição Física em Jovens”.

A escolha do tema deriva do facto da condição física no âmbito escolar ser colocada para segundo plano, em detrimento das modalidades presentes no PNEF.

O objetivo principal deste evento foi enaltecer a importância da atividade física nos jovens, desmentindo alguns mitos existentes sobre o trabalho de força em jovens no contexto escolar. A par da abordagem deste tema, foram apresentados os resultados do programa realizado pelos alunos onde foi possível visualizar uma evolução nas capacidades físicas dos mesmos.

Esta atividade contou com a presença dos alunos participantes no programa, de professores do grupo de Educação Física, da supervisora do estágio Professora Mafalda Machado, OC Professora Elsa Cabo e do Professor investigador Carlos Carvalho.

Para a realização desta atividade, tivemos o apoio da EBSLM, colocando à disposição o espaço para a realização deste seminário, colaborando no que fosse necessário ajudando assim na realização da atividade, das assistentes operacionais da cantina e do PBX para

nos auxiliar na realização do *Coffe Break* e nos arranjos estéticos da biblioteca, de acordo com o nosso tema com vista a resolução de todas as questões logísticas inerentes à organização. Tivemos também o patrocínio do ISMAI, com a ajuda de capas e canetas para uma melhor apresentação do seminário.

No final, tivemos o cuidado e a preocupação de realizar questionários de satisfação para os presentes responderem, com o objetivo de termos a sua opinião sincera de toda a logística do evento.

Consideramos, portanto, que esta atividade foi bem-sucedida, tendo em conta o resultado final, planeando e executando toda a organização e gestão do evento na escola, tornando-se um trabalho importante na nossa formação enquanto professores estagiários.

Análise *SWOT* – Atividades Realizadas

Para fazer um balanço de todas as atividades realizadas, efetuamos uma análise *SWOT* com o intuito de apresentar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que sentimos na organização e gestão, ao longo de todo o processo. A ferramenta *SWOT* permite a elaboração e análise de dados que contenham situações reais, nos ambientes interno e externo, e serve como auxílio para que se tenha uma visão mais ampla dos pontos que influenciam os resultados e objetivos organizacionais, possibilitando que trabalhem nos fatores que exijam melhorias e reajam conforme a modificação (Santos & Fernandes, 2015).

Tabela 2 - Análise Swot das Atividades Realizadas

<u>Pontos fortes</u>	<u>Oportunidades</u>
Boa organização; Notificação das atividades; Disponibilidade do NE; Boa articulação do grupo EF;	Experiência/Conhecimento adquirido; Envolvimento na comunidade;
<u>Pontos fracos</u>	<u>Ameaças</u>
Falta de experiência; Adesão/Importância;	Condições climáticas; Avaliações;

Após esta análise *swot*, consideramos que em todas as atividades realizadas, os pontos fortes evidenciaram-se perante os restantes. Posto isto, destacamos a boa organização em todos os eventos realizados, devido à disponibilidade que o NE apresentou, paralelamente com a boa articulação entre o grupo de EF.

De salientar, todas as atividades contaram com a envolvimento da comunidade escolar, nomeadamente na cooperação com os professores.

Referente ainda aos pontos fortes, a notificação e partilha como um meio de divulgação e informação das atividades desenvolvidas em plataformas digitais tornou-se um elemento diferenciador, dando possibilidade a quem não esteve presente, poder acompanhar a atualidade escolar.

No que toca às oportunidades, a experiência e conhecimento nelas adquiridas, pode-se tornar importante no processo de desenvolvimento do EE.

Essa experiência está também relacionada com os contatos estabelecidos e entidades fora do ambiente escolar, nomeadamente parcerias, uma vez que, a sua colaboração foi parte fundamental para a boa realização de algumas atividades.

Em relação aos aspetos negativos, enalteçamos a falta de experiência do NE, o que em momentos de dificuldades tiveram impacto na tomada de decisão. Ainda de referir que, a

pouca importância dada pela comunidade educativa esteve diretamente ligada à pouca adesão.

Por último, e por aspetos não controláveis, existiram alguns fatores que ameaçaram a realização das atividades, nomeadamente as condições climáticas.

De um modo geral, a participação do NE foi importante, uma vez que estes se mostraram sempre predispostos a colaborar na promoção da atividade física, estando sempre presentes e com disponibilidade em participar em todas as reuniões, quer de professores, conselhos de turma, direção de turma, departamento e grupo disciplinar.

5.2. FAZER APRENDER PARA LÁ DA AULA: IMPACTOS DA MINHA EXPERIÊNCIA E ATUAÇÃO

Segundo Nóvoa & Vieira (2017), não há dois professores iguais. Cada um tem de encontrar a sua maneira própria de ser professor, a sua composição pedagógica. Esse processo faz-se com os outros e valoriza o conhecimento profissional docente, a que alguns chamam tato pedagógico ou ação sensata.

Como é sabido, a profissão de professor é complexa e carregada de desafios, e a fase de passagem de estudante a professor é muito exigente. No entanto, com o passar do tempo a EE sentiu-se cada vez mais à vontade, aproximando-se das competências exigidas aos profissionais da educação.

Para Weber (2017), o professor tem a tarefa de transmitir saber, auxiliar os jovens a aprender e a construir saber para poder colocar o mundo em signo.

Nesse sentido, o primeiro contacto no campo profissional possui as suas especificidades, isto é, os EE ainda não são efetivamente profissionais, pelo que é aceitável, numa fase inicial, que ainda não se revejam nessa posição. Depois de tantos anos como alunos, este foi um ano que permitiu a passagem de aluna para professora.

Como refere Resende & Lima (2016), as experiências enquanto alunos poderão ser determinantes na forma como o futuro professor de EF vai exercer a sua função.

Quanto aos impactos da experiência e atuação, para além do desafio de estar perante uma turma, foi também uma responsabilidade. Por vezes, os alunos agem de determinada maneira nas aulas, não sendo a mais correta, mas é importante o professor ter a

disponibilidade de tentar perceber o que está por detrás do seu comportamento, por isso é importante termos um bom relacionamento com os alunos, tanto dentro, como fora da aula.

No geral, a EE sempre se mostrou predisposta, não só por ensinar, mas principalmente em ouvir os alunos. Foi um ano trabalhoso, mas recompensador, tanto pela experiência adquirida, como pelo seu crescimento pessoal e profissional.

5.3. SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL E INSTITUCIONAL

Relativamente à socialização profissional e institucional, este item vem muito de encontro ao que é o clima escolar, pois, segundo Vinha et al., (2016), um clima escolar positivo apresenta bons relacionamentos interpessoais e é visto como o conjunto de perceções em relação à instituição de ensino.

Ao longo de todo o ano letivo, destacou-se o bom relacionamento entre o NE para com toda a comunidade escolar, desde os assistentes operacionais, à direção da escola e principalmente, com o grupo de Educação Física.

O facto de termos a nossa sala de trabalho/reuniões no pavilhão, fez com que não estivéssemos tão presentes com os restantes docentes, no entanto, sempre que tínhamos oportunidade, deslocávamo-nos até à sala dos professores, para trabalharmos para a PES e paralelamente convivermos com os outros professores. Para além disso, fazíamos sempre questão de nos intervalos maiores irmos até ao *buffet*, mantendo assim o contacto com os outros professores e entrarmos ou sairmos da escola pela entrada principal, de modo a que nos vissem e não achassem que estávamos desligados na comunidade escolar.

Segundo Neto, Silva, & Iza (2015), a prática emerge como um lugar de formação e um espaço social em que a socialização se manifesta na forma de saberes, práticas, rituais, crenças, hábitos e cultura.

Para além disso, todas as tarefas que nos propuseram, também foram importantes na medida em que tínhamos de estabelecer relações e contacto com os docentes da comunidade escolar, para nos auxiliar em todos os nossos pedidos de colaboração.

Maggioni, Amaral, Santos, & Carvalho (2015), referem que quando não há uma boa interação entre as pessoas não existe uma união dos setores da organização.

Rosado & Mesquita (2011), afirmam também que, a capacidade de comunicar constitui um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica no contexto do ensino das atividades físicas e desportivas.

A relação que criamos com a OC e SV, e com todo o grupo de Educação Física, foi uma mais valia, pois eram as pessoas mais próximas e que nos podiam ajudar em relação ao nosso trabalho.

Mesquita & Roldão (2017), afirmam que a supervisão pedagógica tem vindo a remeter-nos para a criação, expansão e sustentação de ambientes promotores de (re)construção de competências e de desenvolvimento pessoal e profissional. Atualmente é considerada como uma atividade de apoio, orientação e regulação.

Posto isto, de um modo geral, mantivemos um bom envolvimento com a comunidade escolar, tanto dentro, como fora da escola, criando assim um bom ambiente durante todo o ano letivo.

5.4. A COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

Tornar-se professor é uma viagem pessoal profunda, na qual o estagiário considera as suas crenças e tenta reconciliá-las com as expectativas da universidade, da comunidade educativa, dos alunos e seus familiares e, em última análise, consigo próprio. (Cardoso, Batista, & Graça, 2016).

Em virtude do que foi dito anteriormente, ao reconhecerno-nos como professores, devemos entender a necessidade de apreensão de saberes e habilidades essenciais para a nossa atuação, construindo assim a nossa identidade profissional.

Para Macedo & Caetano (2010), a ética é essencial ao cerne de qualquer ofício. No caso do professor, esta se incrusta no processo educativo de ensino e aprendizagem que ao se desprender, por exemplo, no corpo das componentes do ensino, é promotora de um estado de bem fazer, um bem pensar, um bem sentir, em direção da obtenção do que significa o melhor na relação com o aprendiz.

Nesse sentido, a nossa atitude perante os alunos traz-nos preocupações constantes, nomeadamente na atuação do docente dentro do ambiente escolar, pois, de certa forma, as atitudes de um professor, pode ter influências positivas ou negativas para os alunos.

Posto isto, o professor deve atuar de forma integrada e, mencionando as palavras de Bolívar, Domingo, & Pérez (2014), a identidade do professor é uma construção dinâmica e contínua, social e individual, resultado de vários processos biográficos e relacionais, ligados a um contexto.

Elliott (2015), refere que, o processo de construção e reconstrução contínua do significado de nossos conceitos de valor na prática pode ser utilmente representado como uma forma de teorização de senso comum, em cujo caso as teorias educacionais são geradas no contexto da prática por meio dos julgamentos e ações dos professores

Conclui-se, portanto, a predisposição para a EE querer ser uma boa profissional, não só perante os alunos, mas com toda a comunidade educativa, uma vez que com o trabalho coletivo permite-nos uma maior aprendizagem e experiência de conhecimentos.

6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

O desenvolvimento profissional é como uma aprendizagem profissional estruturada que resulta em mudanças nas práticas dos professores e melhorias nos resultados de aprendizagem dos alunos.

(Hammond, Hylar, & Gardner, 2017)

6.1. DIFICULDADES E NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA: UM IMPERATIVO DA PROFISSÃO

Ao longo da PES, foi perceptível as nossas dificuldades, principalmente, sendo o primeiro contacto com a realidade de dar aulas. É nesta fase que é importante termos o apoio e acompanhamento de professores já experientes na área.

É notório que a profissão de professor requer um conhecimento multidimensional do saber, no que refere ao desenvolvimento profissional. Faz então sentido, na formação inicial de professores, falar de supervisão pedagógica. Ao longo de todo o ano letivo a OC sempre nos acompanhou, assim como a Supervisora, e foi importante para o nosso desenvolvimento profissional. Sempre nos deram liberdade para tomarmos as nossas decisões relativamente a todo o planeamento e à nossa tomada de decisão.

O facto de nunca nos fornecer diretamente as soluções para os problemas levantados, ajudou-nos enquanto EE a crescer e desenvolver a nossa capacidade de autonomia, para resolvermos as soluções dos mesmos problemas que surgiam.

Segundo Barolli et al., (2017), para um professor se desenvolver profissionalmente, é fundamental participar de um contexto que problematize sua prática, exercite sua capacidade reflexiva e proporcione consciência do seu fazer pedagógico, inclusive, orientando-o a favor da aprendizagem dos estudantes.

Enquanto professores estagiários, é notório que adquirir conhecimento nunca é demais, e termos a noção da importância de formações acaba por ser um ponto forte, pois estamos sempre dispostos a melhorar as nossas capacidades.

O facto de termos a mente aberta a outro tipo de metodologias enriquece muito o nosso conhecimento e traz vantagens futuras para o nosso desenvolvimento profissional.

Relativamente às formações na área do ensino, permitem aos professores estarem num processo de ensino contínuo e atualizado de aprendizagem e conhecimentos, no entanto, as escolas ainda não fornecem ações de formação para EE, o que acaba por nos trazer desvantagem perante os outros.

Para Pires (2010), o desenvolvimento profissional do professor é um desenvolvimento de conhecimentos e competências, aquisição de técnicas, estratégias de ensino e domínio dos conteúdos a ensinar.

Podemos afirmar que este foi um ano trabalhoso, o facto de termos empregos paralelos ao estágio e a zona de residência não ser perto do local de estágio, foram condicionantes que afetaram todo este processo, no entanto, nunca foi motivo para baixarmos os braços ou desistir.

Sousa & Longarezi (2018), afirmam que os desafios, as dificuldades, as inquietações e a busca por novas aprendizagens adquirem um papel importante nesse processo, tornando as experiências formativas no campo do ensino potencializadoras do desenvolvimento profissional.

Nesse sentido, e para finalizar, tudo o que vivenciamos na PES, tanto positivo, mas principalmente negativo, foi importante. Foi através dos erros que a EE mais aprendeu e tirou as maiores lições enquanto futura professora.

O facto de se fazer as observações e reflexões foi imprescindível, foi através das críticas construtivas que melhorou as aulas dia após dia. Segundo Ferreira & Aranha (2018), a observação e a discussão de aulas são fundamentais para a melhoria da ação educativa e que os instrumentos utilizados devem ser válidos, fiáveis e objetivos.

Para finalizar, entende-se então como o desenvolvimento profissional um processo que se vai construindo à medida que os docentes ganham experiência, sabedoria e consciência profissional (Marcelo, 2009).

REFLEXÕES FINAIS

O início do fim.

Chegou ao fim este ciclo, o culminar de 5 anos de formação, trabalho, esforço e dedicação. A conclusão da PES representa o fim de uma etapa de formação que se reiniciará de uma outra forma.

Segundo Pereira & Fraga (2017), são as experiências de formação que estimulam a mobilização, a integração dos conhecimentos e problemáticas por parte dos formandos e proporcionam o desenvolvimento da sua compreensão do real através da observação e da intervenção.

Todo este trabalho, teve como principal objetivo a competência profissional de ser professora, para isso, fiz das derrotas forças e transformei as vitórias em motivação. Seabra, Silva, & Resende (2016b), mencionam que no que à PES diz respeito, entende-se como um processo complexo, multidimensional e étápico, fonte de aprendizagem e de desenvolvimento profissional pela socialização, na escola. Acresce que aquilo que o estudante estagiário pensa, valoriza e motiva apresenta reflexos na sua ação.

Nesse sentido, após o ano letivo terminado, a EE refletiu todo o seu percurso académico, mas principalmente, o ano em que pôs em prática os conhecimentos adquiridos. Após feita reflexão, e cito as palavras de Maria, Rodrigues, & Reyes (2009), “ensinar é um processo de descoberta pessoal, que envolve domínio da matéria, de teorias e de métodos de ensino além do conhecimento sobre os alunos; implica conhecer o currículo e colocar algo de você própria nele. Ensinar é um processo contínuo – que exige antes de mais nada conhecer a si mesma” [...].

Com o estágio, o maior objetivo era sair das aulas com o dever cumprido, que conseguimos transmitir aos alunos o que foi planeado, e que estes se interessassem e percebessem o que lhes foi transmitido. Nem sempre foi possível, e este é o ponto para perceber se as metas estabelecidas no início do ano foram cumpridas.

Inicialmente, a EE esperava conseguir assumir o controlo da turma de forma harmoniosa, criando um ambiente saudável e propício para a aprendizagem. Esperava também criar situações de aprendizagem que proporcionassem aos alunos uma maior motivação para a prática de exercício físico, assim como, e principalmente, criar uma ligação saudável com

os seus alunos. Neste momento, e fazendo uma retrospeção, nem sempre estes objetivos foram cumpridos. Contudo, no final do ano, também se entende que tal sucedido faz parte de todo o percurso, e que o objetivo maior do processo reside em conferir as melhores situações de aprendizagem aos nossos alunos.

Liakopoulou (2012), afirma que uma condição básica para que cada professor desenvolva a teoria pessoal sobre o ensino e a utilização do conhecimento na prática e perceba e administre a complexidade do processo de ensino, é a capacidade de analisar o processo de ensino e refletir sobre ele.

Fazendo um balanço deste ano, a EE superou as suas expectativas, mostrando autonomia nas tarefas propostas, aceitando todos os desafios, e acima de tudo, nunca ter baixado os braços, por muitos dias difíceis que tenha tido.

Com isto, a EE procura alcançar sempre o seu melhor, embora que o processo seja longo e demorado, mas tal como este estágio lhe mostrou, o esforço vale sempre a pena e haverá sempre uma recompensa no final.

ANEXOS



Figura 3 - Atividade de Erasmus



Figura 4 - Aquecimento do Corta Mato



Figura 5 - Cartaz do Treino de Férias do DE



Figura 6 - Grupo Equipa do DE



Figura 7 - Cartaz do Seminário



Figura 8 - Turma do 11ª



Figura 9 - Turma do 11ºB



Figura 10 - Turma do 6ºD

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A., Teixeira, R., Lima, R., Gonçalves, F., Resende, R. (2014). As percepções dos futuros Professores de Educação Física sobre a sua Influência Social.
- Anacleto, F. (2013). O perfil decisional pré-interativo de professores de Educação Física nos primeiros anos de desenvolvimento profissional: Um estudo comparativo longitudinal.
- Araújo, F. (2007). A Avaliação e a Gestão Curricular em Educação Física - um olhar integrado.
- Araújo, R. (2017). Revista Portuguesa de Ciências do Desporto : A aprendizagem dos alunos e as dinâmicas operantes no seio das equipas no Modelo de Educação Desportiva, *17*, 39–49.
- Ashworth, S., & Ashworth, S. (2008). Teaching Physical Education.
- Barolli, E., Nascimento, W. E., Villani, A., Maia, J., Massi, L., & Santos, V. (2017). Mestrados Profissionais em Ensino de Ciências: Estrutura, Especificidade, Efetividade e Desenvolvimento Profissional Docente, (April). <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2017v22n1p127>
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (3ª Edição). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (2015). Um raio de luz. In P. Batista, P. Queirós, & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (FADEUP).
- Bolívar, A., Domingo, J., & Pérez, P. (2014). Reconstruir la identidad profesional docente en la sociedad del conocimiento. El caso del profesorado de Secundaria en España, (January).
- Cardoso, I., Batista, P., & Graça, A. (2016). A identidade do professor de Educação Física: um processo simultaneamente biográfico e relacional, *22*, 523–538.
- Cardoso, M., Batista, P., & Graça, A. (2016). A identidade do professor : desafios colocados pela globalização, *21*, 371–390.

- Carvalho, L. (2015). Fatores para a Motivação ou Desmotivação à Participação nas Aulas de Educação Física, 548–553.
- Chaabène, H., Franchini, E., Sterkowicz, S., Tabben, M., Hachana, Y., & Chamari, K. (2015). Physiological responses to karate specific Les réponses physiologiques aux activités spécifiques de. *Science et Sports*, (April). <https://doi.org/10.1016/j.scispo.2015.03.002>
- Clarke, A., Triggs, V., & Nielsen, W. S. (2014). Cooperating teacher participation in teacher education : a review of the literature, *84*, 163–202.
- Cunha, A. C. (2010). Representation of the “good” teacher: the “good” teacher in general and the “good” physical education teacher in particular.
- Cunha, M., Pacheco, A., & Batista, P. (2018). *O papel do Diretor de Turma na dinâmica relacional entre a escola e a família.*
- Dessen, M., & Polonia, A. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano desarrollo humano.
- DGE. (2017). Programa do Desporto Escolar.
- DGE. (2018). Homologação das Aprendizagens Essenciais do Ensino Básico.
- Elliott, J. (2015). Educational action research as the quest for virtue in teaching. *Educational Action Research*, *23*(1), 4–21. <https://doi.org/10.1080/09650792.2014.994017>
- Evans, J. (2017). *Equality, Education and Physical Education.*
- Fabiani, M. T. (2009). O Código de Ética do Profissional de Educação Física, 1–10.
- Ferreira, H. (2015). Pedagogia do Esporte: Estrutura Pedagógica para o processo de iniciação esportista na ótica de especialistas na temática.
- Ferreira, R., & Aranha, Á. (2018). Avaliação do Desempenho Docente em Educação Física Evaluation of Teacher Performance at Physical Education, *14*, 203–216.
- Flores, M. A., Lurdes, M., & Carlos, C. E. (2016). Flores , M . A . ; Carvalho , M . L . e Silva , C . (2016) Introdução . Contextos e in M . A . Flores ; M . L . Carvalho , e

- C. Silva, (Orgs) Formação e aprendizagem.
- Formosinho, J., Machado, J., & Mesquita, E. (2015). Formação, Trabalho e Aprendizagem, (February).
- Garcia, C. M. (2010). O professor iniciante , a prática pedagógica e o sentido da experiência, 11–49.
- Gomes, F. M., Carvalho, N. O. De, & Vargas, L. S. (2015). A influência dos pais na escolha das atividades esportivas dos filhos de 08 a 10 anos.
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, A. (2016). *Avaliação: Um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. (ISMAI, Ed.) (2º Edição).
- Gonçalves, Francisco. (2018). A implementação da avaliação formativa e sumativa no ensino da educação física, 117–127.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2011). Modelos de Ensino dos Jogos Desportivos. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (Faculdade).
- Hammond, L., Hyler, M., & Gardner, M. (2017). Effective Teacher Professional Development, (June).
- Inácio, G., Graça, M., Lopes, D., Lino, B., & Teles, A. (2014). Planeamento na Ótica dos Professores Estagiários de Educação Física : Dificuldades e Limitações Metodologia, 55–67.
- Isabel, A. N. A., & Martins, M. (2011). A observação no estágio pedagógico dos professores de Educação Física A observação no estágio pedagógico dos professores de Educação Física.
- Júnior, J., Maldonado, D., & Silva, S. (2017). Estratégias para ensinar esporte nas aulas de Educação Física : um estudo na cidade de Aparecida / SP, 28–46.
- Lahire, B. (2011). A transmissão familiar da ordem desigual das coisas, *XXI*, 11–22.
- Liakopoulou, M. (2012). The Role of Field Experience in the Preparation of Reflective Teachers.
- Lima, R., Castro, J., Cardoso, S., & Resende, R. (2014). A Prática de Ensino

Supervisionada : As dificuldades dos estudantes estagiários, 5, 68–74.

- Lima, R., Maria, S., Fortes, C., & Resende, R. (2015). A evolução do comportamento do professor cooperante na formação de professores de Educação Física, (January 2016).
- Lopes, M., Neto, Á., Parente, M., Araújo, J., Sousa, C., & Moura, D. (2016). A Prática do Planejamento Educacional em Professores de Educação Física: Construindo uma Cultura do Planejamento, 27, 1–9. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v27i1.2748>
- Loureiro, M., Bertinetti, M., & Hamamura, H. (2016). Gestão Escolar uma Estratégia Organizacional, 1–16.
- Macedo, S., & Caetano, A. (2010). A Ética como Competência Profissional na Formação : o pedagogo em foco, (2003), 1–22.
- Maggioni, A. F., Amaral, D. G., Santos, M. M., & Carvalho, M. B. De. (2015). O imaginário organizacional das relações interpessoais, 139–150.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento Profissional Docente : passado e futuro, 7–22.
- Marcon, D., Graça, A., & Nascimento, J. (2011). Reinterpretação da estrutura teórico-conceitual do conhecimento pedagógico do conteúdo, 323–339.
- Maria, A., Rodrigues, D. M., & Reyes, C. R. (2009). *Reflexões sobre o fazer docente*.
- Mendes, R. (2012). Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física, 57–70.
- Mesquita, E., & Roldão, M. (2017). A supervisão como dispositivo e desenvolvimento profissional e transformação de práticas.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2011). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (Faculdade).
- Metzler, M. (2011). *Instructional Models for Physical Education* (3ª edição). Scottsdale, Arizona: Holcomb Hathaway.
- Neto, S., Silva, M., & Iza, D. (2015). Formação do Professor de Educação Física: Perspetiva da Socialização Profissional. In R. Resende, A. Albuquerque, & R.

Gomes (Eds.), *Formação e Saberes em Desporto, Educação Física e Lazer*. Visão e Contextos.

- Nóvoa, A., & Vieira, P. (2017). Um alfabeto da formação de professores, 21–49.
- Pereira, G., & Fraga, N. (2017). A Prática Supervisionada e o Desenvolvimento Profissional dos Educadores / Professores Cooperantes : a simbiose de uma relação pedagógica ., 435–451.
- Petrucci, G. W., Borsa, J. C., & Koller, S. H. (2016). A Família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância. *Temas Em Psicologia*, 24(2), 391–402. <https://doi.org/10.9788/tp2016.2-01pt>
- Pimenta, S., & Lima, M. (2015). Os (Des)Caminhos das políticas de formação de professores - o caso dos estágios supervisionados e programa de iniciação à docência, 3.
- Pires, C. (2010). A Investigação-acção como suporte ao desenvolvimento profissional docente, 2(2), 66–83.
- Pizani, J., Rinaldi, I., Miranda, A., & Vieira, L. (2016). (Des) motivação na educação física escolar : uma análise a partir da teoria da autodeterminação, 38(3). <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.010>
- Raquel, L., Mousquer, L. D., Rodrigues, L. A., Federal, U., Maria, D. S., & Maria, S. (2015). A influência da motivação na produtividade do trabalho na representação comercial, 5(3), 241–249. <https://doi.org/10.18256/2237-7956/raimed.v5n3p241-249>
- Reddy, M. R. (2017). Professional ethics and teacher education, 2(2), 236–238.
- Resende, R., & Lima, R. (2016). Relações Interpessoais, 133–153.
- Resende, Rui, Albuquerque, A., & Gomes, R. (2015). *Formação e Saberes em Desporto, Educação Física e Lazer*.
- Ribeiro, R. (2016). A Importância do Planeamento nas Aulas de Educação Física.
- Rink, J. E. (2001). Investigating the Assumptions of Pedagogy, 20(2), 112–128.

- Rodrigues, S., & Neves, M. (2015). Avaliação formativa : vivências em metodologia ativa de ensino aprendizagem na visão docente e discente, *26*, 105–114.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (Faculdade).
- Santos, M., & Fernandes, M. (2015). A ferramenta análise Swot no processo de formulação das ações estratégicas nas pequenas empresas, *2*, 111–126.
- Seabra, C., Silva, E., & Resende, R. (2016). A prática de Ensino Supervisionada em Educação Física, *2*(3), 32–47.
- Siedentop, D. (2008). *Aprender a Enseñar la Educación Física* (INDE Publi). Barcelona.
- Silva, Rita, Queirós, P., & Mesquita, I. (2014). Modelos de Ensino do Desporto : O olhar dos alunos . Estudo no âmbito do Estágio Profissional em Educação Física, *17*.
- Silva, Rodrigo, & Oliveira, A. (2016). O Estágio Supervisionado nos cursos de formação de professores: decisão quanto ao futuro profissional, *3*, 7–16.
- Silva, T., Batista, P., & Graça, A. (2016). A função de supervisão como fator de aprendizagem profissional contínua do professor cooperante de Educação Física. *Revista. Internacional de Formação de Professores (RIFP)*, *1*(3), 139–150. Retrieved from <http://itp.ifsp.edu.br/ojs/index.php/RIFP/article/view/436/331>
- Sousa, R. (2012). A promoção do aluno e do critério na aula de Educação Física, 85–92.
- Sousa, W., & Longarezi, A. (2018). Imitação-criação no processo de formação para o desenvolvimento profissional docente, *13*. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i2.0011>
- Souza, J., & Paixão, J. (2015). A prática do bom professor de Educação Física na perspectiva dos alunos do ensino médio, 399–415.
- Veigas, J., Ferreira, M., Boto, S., & Catalão, F. (2009). Motivação para a prática e não prática no Desporto Escolar, 1–26.
- Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: A knowledge structures approach*. (Publishing). Champaign.

Vinha, T. P., Morais, A. De, Regina, L., Tognetta, P., Azzi, R. G., Moro, A., ... Bozza, L. (2016). O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas *, 96–127.

Weber, J.-M. (2017). Quem tem medo do saber não sabido? Determinantes da relação com o saber na formação de professores-estagiários.